

# OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X  
E-ISSN 2184-173X



# OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



**OPHIUSSA** REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PUBLICAÇÃO ANUAL · ISSN 1645-653X · E-ISSN 2184-173X

## Volume 6 - 2022

**DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

**CONSELHO CIENTÍFICO**

André Teixeira

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Carlos Fabião

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Catarina Viegas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Gloria Mora

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MADRID

Grégor Marchand

CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE

João Pedro Bernardes

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

José Remesal

UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Leonor Rocha

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Manuela Martins

UNIVERSIDADE DO MINHO

Maria Barroso Gonçalves

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Mariana Diniz

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Raquel Vilaça

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Victor S. Gonçalves

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Xavier Terradas Battle

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

**SECRETARIADO**

André Pereira

**CAPA**

Desdobramento da decoração do «ídolo» cilíndrico oculado da Herdade da Cariola. Desenho Guida Casella a partir de fotos VSG.

**COORDENADOR DAS RECENSÕES E REVISOR DE ESTILO**

Francisco B. Gomes

**PAGINAÇÃO**

TVM Designers

**IMPRESSÃO**

AGIR – Produções Gráficas

**DATA DE IMPRESSÃO**

Dezembro de 2022

**EDIÇÃO IMPRESSA (PRETO E BRANCO)**

300 exemplares

**EDIÇÃO DIGITAL (A CORES)**[www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt)

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

DEPÓSITO LEGAL 190404/03

A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).



Copyright ©Revista Ophiussa 2022

**EDIÇÃO**

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa 1600-214 Lisboa.

[www.uniarq.net](http://www.uniarq.net)[www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt)[uniarq@letras.ulisboa.pt](mailto:uniarq@letras.ulisboa.pt)

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996). O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/00698/2020 e UIDP/00698/2020.

## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto.<br>3. O «ídolo cilíndrico» de Ervidel (Herdade da Cariola)<br>VICTOR S. GONÇALVES  | 5   |
| <i>Heads &amp; tails: Bell Beakers and the cultural role of Montejunto Mountain (Portugal) during the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC</i><br>ANA CATARINA BASÍLIO   | 23  |
| O conjunto faunístico do Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa, Portugal) no 3.º milénio a.n.e.: entre a <i>antroposfera</i> e a <i>zooesfera</i><br>FREDERICO AGOSTO   | 43  |
| The materialization of an iconography: a LBA/EIA metallic representation of an “anchoriform” or “anchor idol” (?) from the Fraga dos Corvos habitat site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal)<br>JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, ELSA LUÍS, CARLOS MENDES, PEDRO VALÉRIO, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, ANTÓNIO M. MONGE SOARES | 69  |
| A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo<br>FRANCISCO B. GOMES   | 85  |
| O sítio arqueológico de Arruelas (Maiorca, Figueira da Foz, Portugal) no contexto da Conquista Romana do Ocidente Peninsular<br>FLÁVIO IMPERIAL   | 105 |
| A importação de ânforas do Tipo <i>Urceus</i> em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira<br>JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES  | 127 |
| <i>Traianeum de Italica</i> . Campaña arqueológica 2016/2017<br>SEBASTIÁN VARGAS-VÁZQUEZ  | 143 |
| El asentamiento rural romano de la Venta El Parrao (Alcalá de Guadaíra, España): Nuevos datos arqueológicos<br>LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, SALVADOR ORDÓÑEZ AGULLA   | 163 |
| A ocupação romana da Lezíria (Castro Marim, Portugal)<br>ANA MARGARIDA ARRUDA, MARGARIDA RODRIGUES  | 187 |
| Os recursos animais no Noroeste da Lusitânia do período republicano à Antiguidade Tardia (Séculos II a.C. - VII d.C.): Uma perspectiva a partir das evidências zooarqueológicas do centro de Portugal<br>PATRÍCIA ALEIXO, GIL VILARINHO   | 209 |
| Recensões bibliográficas<br>(TEXTOS: FREDERICO AGOSTO, ANA MARGARIDA ARRUDA)  | 231 |
| <i>In memoriam</i>  | 243 |
| Política editorial  | 246 |
| Editorial policy  | 247 |

# A ocupação romana da Lezíria (Castro Marim, Portugal)

## The Roman occupation of Lezíria (Castro Marim, Portugal)

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ

[a.m.arruda@letras.ulisboa.pt](mailto:a.m.arruda@letras.ulisboa.pt)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7446-1104>

MARGARIDA RODRIGUES

[margaridarodrigues@campus.ul.pt](mailto:margaridarodrigues@campus.ul.pt)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9000-9978>

**RESUMO:** Prospecções levadas a efeito nos anos 80 do século XX no Concelho de Castro Marim permitiram identificar, através da recolha de abundantes materiais à superfície, um sítio de época romana. Esses materiais, integralmente cerâmicos (*terra sigillata*, ânforas, cerâmica de paredes fina, lucerna e cerâmica comum), contribuíram para o conhecimento da ocupação rural do território do litoral algarvio, e para discutir a cronologia em que essa ocupação se iniciou.

**PALAVRAS-CHAVE:** Algarve romano; cerâmicas romanas, importações.

**ABSTRACT:** Archaeological surveys carried out in the 80s of the 20th century in Castro Marim Municipality allowed the identification, through the collection of many materials on the surface, of a Roman site. These materials (*terra sigillata*, amphorae, Thin-walled pottery, and common ware) can be used to understanding the rural occupation of the Algarve territory, and the chronology in which this occupation began.

**KEY WORDS:** Roman Algarve; roman pottery, imports.

## 1. INTRODUÇÃO

O sítio da Lezíria foi descoberto em 1982 no decorrer de prospecções efectuadas no quadro do projecto CAALG - Carta Arqueológica do Algarve (Gonçalves 1980; 1981; Gonçalves – Arruda – Calado 1996). A visita ao local foi justificada pela descoberta anterior de um ídolo cilíndrico oculado de tipo Moncarapacho (Gonçalves 1978). À superfície, contudo, não foram detectados quaisquer vestígios referentes a uma ocupação pré-histórica. Pelo contrário, os materiais romanos abundavam, bem como os de época islâmica. Distribuíam-se por extensas áreas, mas concentravam-se sobretudo nas que tinham sido atingidas por trabalhos agrícolas e nas sujeitas à exploração da pedra.

Destas prospecções e de outras de 1984 resultou um primeiro artigo que incidiu sobre a *terra sigillata* itálica

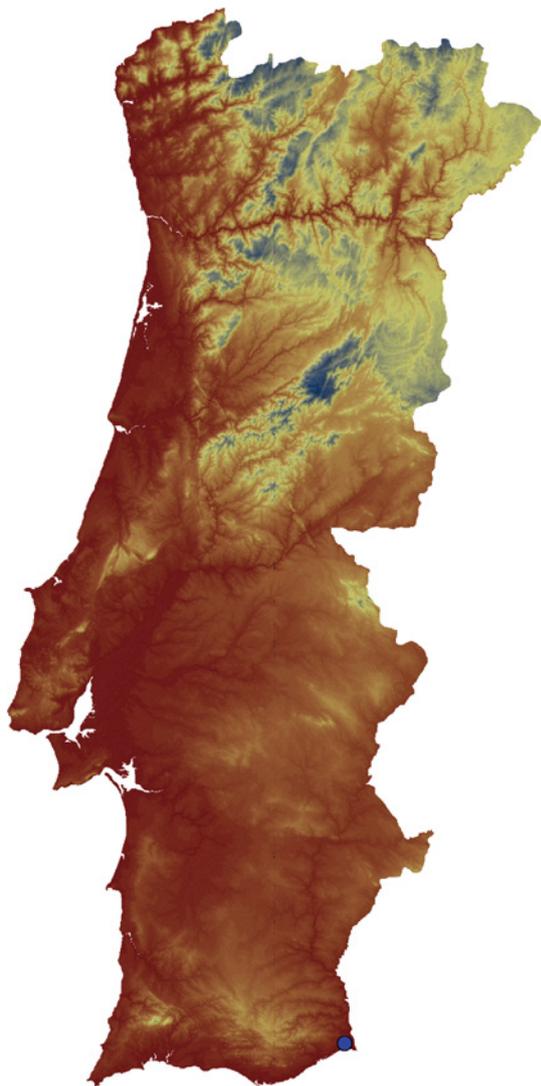


FIG. 1 Localização da Lezíria (Castro Marim, Portugal).

e sudgálica (Arruda – Dias 1985), não se tendo concretizado a intenção de continuar a divulgar os espólios recolhidos. E, assim, a restante *terra sigillata* (hispânica e africana), as ânforas e as cerâmicas comuns permaneceram inéditas, depositadas nas instalações da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa).

Num momento de inícios, de balanços e de recomenços, entendeu-se que tinha chegado o momento de divulgar os referidos restantes materiais, voltando-se aos primeiros que, entendemos, merecem uma nova abordagem que tenha em consideração não só as novas tipologias e estudos internacionais, mas também o crescimento do conhecimento das realidades regionais em época romana.

A ocupação antiga do sítio da Lezíria incide sobre uma crista alongada, de baixa altitude (16 m.), com cerca de 1 Km de extensão, circundada por dois esteiros do Guadiana, o que corre a Este, o da Lezíria, e o da Carrasqueira (Fig. 1). Pertence à freguesia de Castro Marim, concelho de Castro Marim, distrito de Faro e possui as seguintes coordenadas geográficas: 37°12' de latitude e 7°26' de longitude.

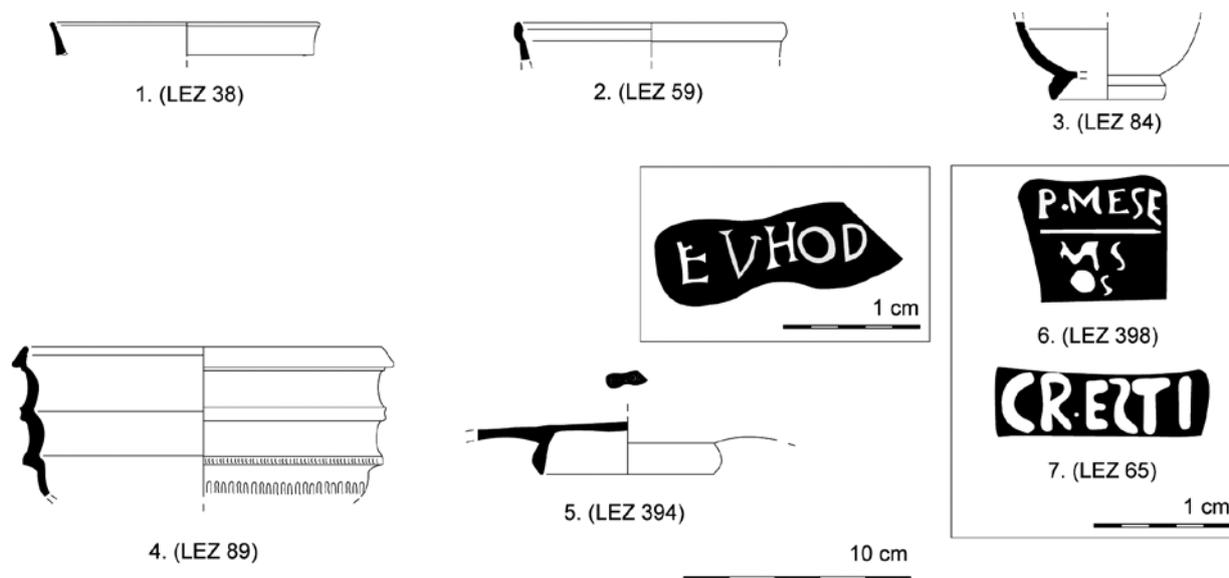
O sítio tem permanecido mais ou menos protegido, apesar dos trabalhos agrícolas que continuaram a decorrer. De acordo com o portal do Arqueólogo (<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=53997>), uma sondagem efectuada em 2010 permitiu identificar "...duas fossas, sendo que uma delas continha um momento de utilização com materiais de cronologia almóada (século XII e XIII)". Os resultados destes trabalhos nunca foram publicados.

## 2. A TERRA SIGILLATA

A *terra sigillata* da Lezíria compreende produções itálicas, sudgálicas, hispânicas e africanas, totalizando 112 fragmentos que correspondem a um NMI de 72, de acordo com o protocolo de Mont Beuvray (Arcelin – Tuffeau-Libre 1998).

### 2.1. Terra Sigillata Itálica

As produções de origem itálica compreendem um total de 10 fragmentos. Entre estes encontra-se um fragmento de bordo (Lez. 38, Fig. 2, n.º 1) e também um de parede (Lez. 80, não ilustrado) pertencentes à forma *Conspectus* 20 (1 NMI), do serviço II de Haltern.



**FIG. 2** Terra sigillata itálica: 1 – Consp. 20; 2 – Consp. 15; 3 – Consp. 36; 4 – Consp. R. 8.1.1; 5 a 7 – Marcas de oleiro.

Tradicionalmente, baliza-se a produção desta forma entre a época augustana e o principado de Cláudio, ainda que algumas variantes sejam mais tardias, do período de Nero ou mesmo Flávias (Ettlinger *et al.* 1990: 86). O primeiro deverá integrar-se na variante 20.4, a mais comum em contextos de meados do século I (Ettlinger *et al.* 1990: 86), não tendo o segundo permitido a sub-classificação, por se tratar de um fragmento de pequena dimensão. A distribuição desta forma no território português é extensa, sublinhando-se a sua presença em Castro Marim, bem como em Faro, *Balsa* (Viegas 2011: 532), Monte Molião (Arruda – Dias 2018; Rodrigues 2021: 27) e Milreu (Teichner 2008), bem como em Chãos Salgados (Quaresma 2012).

Um outro bordo (Lez. 59, Fig. 2, n.º 2) parece tratar-se da forma Consp. 15 (1 MNI), um copo/taça em forma de campânula, de bordo convexo, que, por não apresentar *guillochis* deverá corresponder à variante 15.2 (Ettlinger *et al.* 1990: 78).

Um fundo (Lez. 84, Fig. 2, n.º 3) poderá, ainda que com algumas reservas, ser inserido na forma Consp. 36 (1 MNI). Trata-se de uma taça hemisférica, cuja produção se baliza entre 10 e 30 (Passelac 1993: 564), ainda que outros autores estendam a sua cronologia até aos finais do século I (Ettlinger *et al.* 1990: 114). Não sendo particularmente comum, a forma está, ainda assim, presente em Faro e Castro Marim (Viegas 2011: 532), em diversos locais da cidade de Lisboa (Silva 2012: 319, 358 e 404), bem como no acampamento romano do Alto dos Cacos (Silva – Pimenta – Mendes 2013).

Foi também identificado um outro fragmento de bordo (Lez. 89, Fig. 2, n.º 4) pertencente a um cálice da forma *Conspectus* R. 8.1.1. (1 MNI), forma de paredes muito molduradas datada do período augusto-tiberiano (Ettlinger *et al.* 1990: 178). Está ausente dos grandes centros algarvios já mencionados, correspondendo a uma forma rara em território português identificada por um único fragmento em Santarém (Viegas 2003: 79).

Dois fundos não permitem uma classificação formal exacta: um, de pé alto e perfil triangular, cabe no tipo B 2.7 (Lez. 74, não ilustrado); outro, pertencente a um prato raso, integra-se no tipo B 1.11 (Lez. 359, não ilustrado) (Ettlinger *et al.* 1990: 154-157).

Incluídos neste conjunto estão também três outros fundos de forma indeterminada, mas que apresentam marcas de oleiro bem conservadas que permitiram leitura e a identificação do respetivo oleiro.

Na primeira (Lez. 394, Fig. 2, n.º 5), colocada centralmente num fundo interno de um prato, pode ler-se EVHOD[...], numa cartela *in planta pedis*. Trata-se de uma marca do oleiro identificado como *Euhodus*(2)/*Cneus Ateius Euhodus* (OCK 292), sendo o registo 787.22 do *Samian Research* o que apresenta mais semelhanças com a identificada na Lezíria. Este oleiro, que produziu nas olarias de Pisa entre 5 a.C. e 40 d.C., é conhecido em território português, concretamente em Lisboa, no Teatro Romano e no Jardim das Portas do Sol (Silva 2012: 267 e 573), em Alcácer do Sal (Faria – Ferreira – Diogo 1987: 66), em Braga (Morais 1997-1998: 54) e talvez em Santarém (Silva 2012: 790, Fig. 272).

Num outro fundo de forma indeterminada (Lez. 65, Fig. 2, n.º 7) é possível ler-se CR.ESTI (com S retrógrado e um ponto entre o R e o E). Corresponde a uma marca identificada no *NoTS* como *Crestus* (1), que engloba um conjunto vasto de punções que poderão pertencer a mais do um oleiro, sendo as marcas 698.26 e 698.29 da base de dados *Samian Research* as que mais se aproximam do exemplar agora estudado. Este oleiro produziu em Pisa/Lyon entre 10 a.C. e 30 d.C. Em Portugal, as marcas deste oleiro estão bem representadas, surgindo em Faro (Viegas 2011: 156), no Teatro Romano de Lisboa (Silva 2012), em Alcácer do Sal (Faria – Ferreira – Diogo 1987: 67) no Castelo das Guerras (Caeiro 1977) e em Conímbriga (Alarcão 1971; 1975).

No restante fundo (Lez. 398, Fig. 2, n.º 6), encontra-se uma marca relativamente bem conservada onde se lê, em três linhas, P.MESE/ NVS SI/[?]OS. Apresenta mais dificuldades de leitura do que as anteriores, não tendo sido possível encontrar paralelos diretos para a mesma. É possível que se trate de um liberto de *P. Messenius* (OCK 1168), e, entre os oleiros já documentados, talvez *P. Messenius Sindaeus* (OCK 1172), da Itália Central, que produziu entre 20 e 1 a.C., seja o que apresenta uma melhor correspondência. No entanto, esta leitura não se compagina totalmente com a grafia da terceira linha tendo em consideração a terminação em “OS” e não em “VS” e também pelo escasso espaço disponível antes destes caracteres, onde não parecem caber “NDI”, a menos que estes se compusessem através de vários nexos. Pode ainda tratar-se de um escravo de *P. Messenius Sindaeus*, o que não se descarta até pela terminação em “OS”, lendo-se assim P.MESINUS SI(ndaeus)/[E]ROS. De qualquer forma, parece tratar-se de uma marca inédita, tratando-se, no caso da última hipótese proposta estar correta, de um oleiro itálico até ao momento desconhecido<sup>1</sup>.

## 2.2. Terra Sigillata Sudgálica

As importações de origem sudgálica são as mais frequentes, tendo sido contabilizados 54 fragmentos, sendo a sua maioria proveniente das olarias de La Graufesenque.

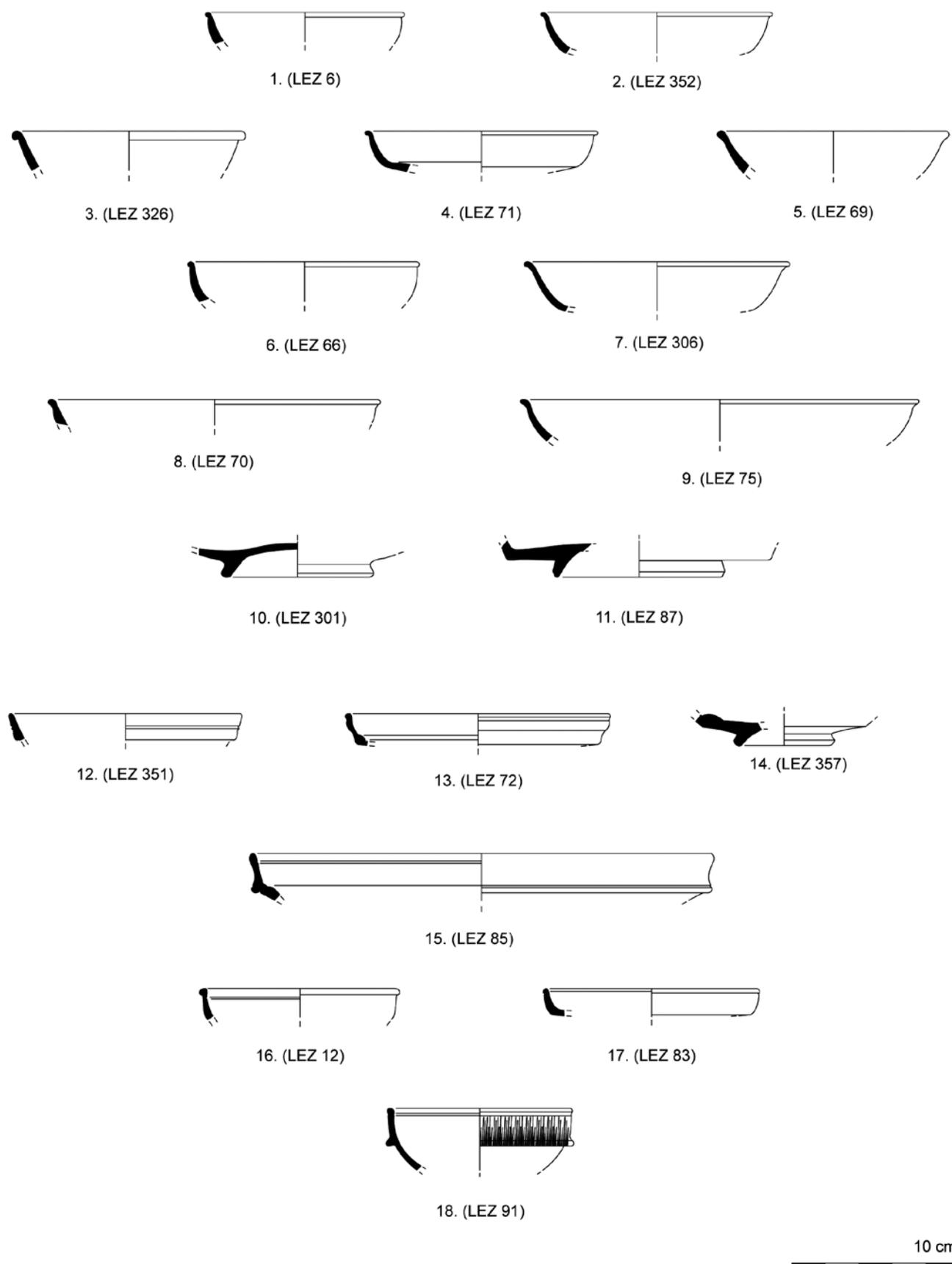
Os pratos Drag. 18 correspondem à forma mais frequente no conjunto, estando contabilizados 12 frag-

mentos (Fig. 3, n.º 1 a 10), 10 de bordo e dois de fundo (10 NMI). Os Drag. 15/17 encontram-se representados por três fragmentos de bordo e um de fundo (3 NMI) (Fig. 3, n.º 12 a 14). Trata-se de formas com uma longa diacronia de produção, tendo sido fabricadas praticamente durante todo o século I (Polak 2000), ainda que a Drag.15/17 apresente um decréscimo de produção significativo a partir de 60 d.C. No caso das Drag. 18, a maioria dos fragmentos apresenta diâmetros entre os 14 e os 16 cm., podendo ser associados à época de Nero e inícios da dinastia Flávia, tanto nas olarias de La Graufesenque, como em centros de consumo como Chãos Salgados (Quaresma 2012). Existem, ainda assim, alguns bordos com diâmetros superiores a 20 cm. que geralmente correspondem a cronologias mais antigas, ainda que esteja documentada nos centros produtores em momentos mais tardios em quantidades diminutas (Genin 2007). Ambas são extremamente comuns em todo o território português, destacando-se a sua presença no Algarve no Castelo de Castro Marim, em Faro, em *Balsa* (Viegas 2011: 536), em Lagos (Fernández Fernández *et al.* 2019), em Monte Molião (Rodrigues 2021), bem como em outros sítios de menor dimensão (Viegas 2006; 2017; Teichner 2008; Pereira 2012).

Os fragmentos Lez. 85 e Lez. 87 (Fig. 3, n.º 15 e 11), deverão ser integrados especificamente nas formas 17 (1 NMI) e 15 (1 NMI) respetivamente. O fragmento Lez85 apresenta características ainda muito semelhantes aos dos modelos itálicos, podendo confundir-se com uma forma dessa mesma produção. No entanto, a observação da peça não deixa dúvidas que tanto a pasta como o engobe correspondem a uma produção do sul da Gália, possivelmente a produções precoces das olarias de La Graufesenque. Existem também paralelos próximos no Castelo de Castro Marim (Viegas 2011: Est. 85 n.º 1067) para peças da forma 15 com características muito semelhantes às aqui reconhecidas.

Foram também identificados dois fragmentos que podem ser integrados na forma Ritt. 1 (2 NMI) (Fig. 3, n.º 16 e 17), apresentando parede côncava e bordo de lábio semi-circular e a característica canelura na parede interna, imediatamente abaixo do lábio (Polak 2000: 83). A cronologia associada a esta forma aponta para os momentos iniciais da produção sudgálica, entre o principado de Tibério e o de Cláudio, mas terá sido produzida pelo menos até ao de Nero (Passelac

<sup>1</sup> Agradecemos ao Doutor Rodrigo Banha da Silva a ajuda prestada na leitura desta marca.



**FIG. 3** Terra sigillata sudgálica: 1 a 10 – Drag. 18; 11 – Drag. 17; 12 a 14 – Drag. 15/17; 15 – Drag. 15; 16 a 17 – Ritt. 1; 18 – Drag. 24/25.

– Vernhet 1993). Não se trata de uma forma particularmente comum nos contextos do ocidente peninsular, estando ainda assim documentada em Alcácer do Sal (Faria – Ferreira – Diogo 1987), na Alcáçova de Santarém (Viegas 2003: 112) e em Conímbriga (Alarcão 1975: 93). A parecença do fragmento Lez 83 com dois fragmentos de *Balsa*, classificados como Drag. 18 (Viegas 2011: 298, Est. 40, n.º 567 e 568) gerou algumas dúvidas na sua classificação. No entanto, a existência da canelura interior sob o bordo facilitou a sua integração na forma Ritt. 1.

Documentaram-se também as taças Drag. 24/25 (4 NMI), produzidas entre o período augustano tardio e o início da época flávia, contabilizando-se dois bordos e três fragmentos de parede, sendo de destacar que um dos primeiros (Lez. 91, Fig. 3, n.º 18) corresponde a um exemplar marmoreado.

Sete fragmentos de bordo pertencem ao tipo Drag. 27 (7 NMI) (Fig. 4, n.º 1 a 6), forma preponderante durante todo o século I e inícios do século II, que, tal como a Drag. 18, é comum na grande generalidade dos sítios desta cronologia no ocidente peninsular. Os diâmetros lidos no conjunto da Lezíria cabem, maioritariamente, entre os 10 e os 14 cm., valores associados ao período flávio (Polak 2000), havendo apenas um único exemplar mais reduzido, com 8 cm. Em Chãos Salgados (Quaresma 2012), os exemplares entre 7 e 9 cm. são associados ao período neroniano.

Integráveis na forma Drag. 35/36 (1 NMI) foram identificados dois fragmentos, um de bordo e um de fundo (Fig. 4, n.º 7), ainda que este último tenha suscitado algumas dúvidas na sua classificação. Esta forma está associada às produções compreendidas entre o período flávio e a primeira metade do século II, sendo particularmente comum no território algarvio, estando presente no Castelo de Castro Marim, *Balsa* e Faro (Viegas 2011), Monte Molião (Rodrigues 2021), Milreu e Cerro da Vila (Teichner 2008), bem como no território alentejano, por exemplo em Chãos Salgados (Quaresma 2012).

Entre o espólio sudgálico, encontra-se também um conjunto de fragmentos de vasos decorados. Correspondem, maioritariamente, às formas mais frequentes tanto na região como no restante território português. Seis pertencem a taças da forma Drag. 37 (5 NMI).

A peça Lez 16 (Fig. 4, n.º 12) possui um motivo metopado muito empastelado, de decoração muito

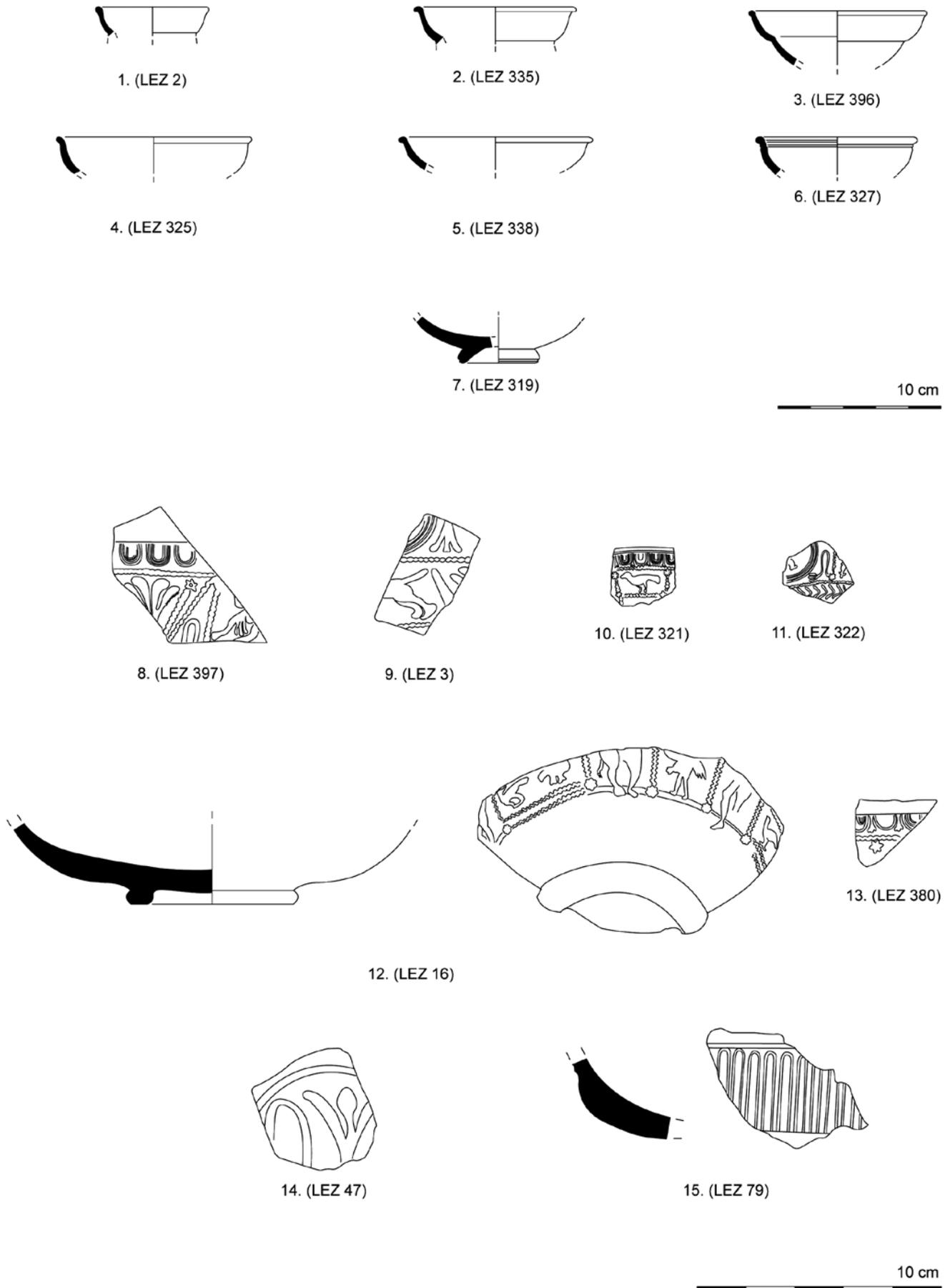
cheia ou barroca, observando-se dentro das métopas punções de animais (aves) e de figuras humanas ou mitológicas que se repetem em redor da peça. Paralelos exatos para esta decoração não foram identificados, ainda que a composição tenha semelhanças com o oleiro de La Graufesenque L. Tr- *Masculus* (Base de dados *Samian Research*, n.º 0005074). No entanto, a pasta vermelho escuro, e com fracturas internas, e o engobe, também escuro e acastanhado, parecem apontar para um outro centro oleiro, apesar de não ser impossível que as características físicas pouco comuns da peça possam dever-se a um erro de cozedura ou algum tipo de fenómeno pós deposicional.

Na parede Lez. 321 (Fig. 4, n.º 10) é visível uma linha de óvulos de lingueta tripartida, sob a qual se identifica, parcialmente, uma decoração metopada, com ave no interior. Este motivo encontra grandes parecenças com decorações de *Masculus* (Mees 1995: Est. 121 e Base de dados *Samian Research*, n.º 0005078), oleiro que terá laborado entre 80 e 120.

Na parede Lez. 397 (Fig. 4, n.º 8) é visível uma linha de óvulos de lingueta com terminação tripartida, separada de uma decoração metopada por uma linha ondulada. Dentro da métopa pode apenas identificar-se uma cruz de Santo André, elemento comum nas decorações dos períodos decorativos de transição e esplendor (40 a 80 d.C.), especialmente do principado de Vespasiano (Tilhard 2004). No fragmento Lez 47 (Fig. 4, n.º 14), observa-se também uma possível cruz de Santo André, ainda que possa corresponder a um outro elemento vegetalista.

Uma outra parede (Lez. 3, Fig. 4, n.º 9) apresenta uma decoração metopada, na qual se insere um possível medalhão e motivos vegetais bem como um punção de um animal, muito provavelmente um cão, motivo muito frequente durante o período flávio, utilizado por um grande número de oleiros de La Graufesenque. O estabelecimento de paralelos mais exactos está dificultado pela escassez de elementos decorativos. O último fragmento desta forma (Lez 380, Fig. 4, n.º 13) é de muito pequena dimensão, sendo apenas possível observar uma linha de óvulos de lingueta tripartida.

A forma Drag. 29 (2 NMI) (Fig. 4, n.º 15) foi documentada por dois fragmentos de parede, ainda que nenhum deles apresente decoração esclarecedora quanto à sua cronologia ou oleiro: Lez 79 corresponde a uma parede espessa da zona da carena decorada



**FIG. 4** Terra sigillata sudgálica: 1 a 6 – Drag. 27; 7 – Drag. 35/36; 8 a 10 e 12 a 14 – Drag. 37; 11 - Indeterminado; 15 – Drag. 29.

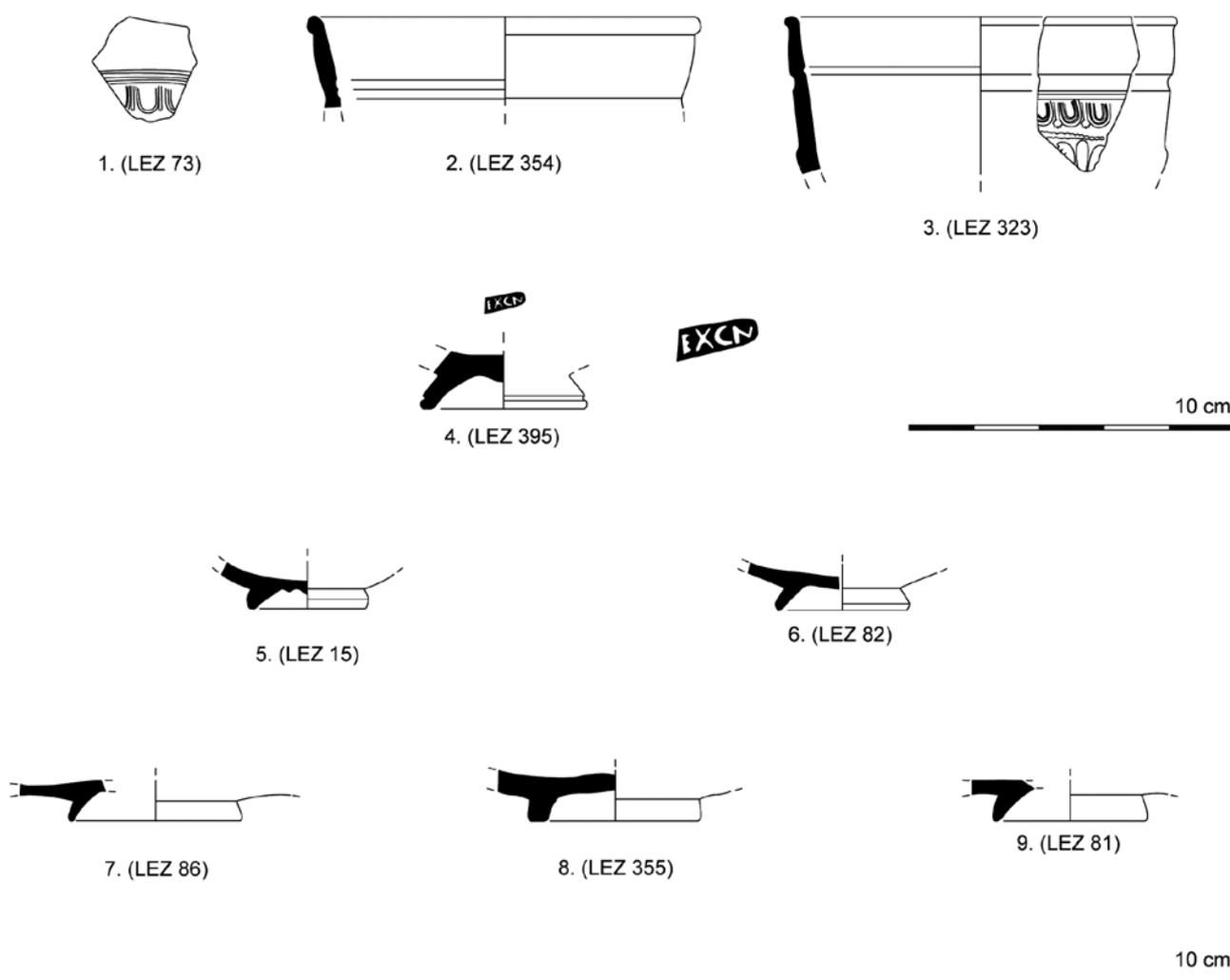
por uma palissada de gomos; Lez 51 (não ilustrado) conserva apenas a pequena secção de *guillochis* localizada sob o bordo.

O fragmento de forma indeterminada Lez 322 (Fig. 4, n.º 11) exhibe uma decoração metopada e o que aparenta ser um medalhão, no interior do qual apenas se vislumbra uma pequena parte de um membro inferior. Apresenta grandes semelhanças com um exemplar da forma Drag. 29 (n.º 89) de Chãos Salgados (Quaresma 2012), onde foi datado entre 40 e 80. Parece também idêntico a um motivo de *C. Valerius Albanus* (Mees 1995: Est. 3; Base de dados *Samian Research* n.º 0004319, 0004321 e 0005950), oleiro que terá produzido em La Graufesenque entre 70 e 95.

A única forma decorada menos comum corresponde a um fragmento de parede (Lez, 73, Fig. 5, n.º 1) que pode ser associado a um cálice Drag. 11 (1 NMI).

A parede, pouco espessa, conserva uma linha de óvulos duplos separados por linguetas simples e limitados, na sua parte superior, por duas caneluras. Apresenta uma canelura acentuada na parede interna. Trata-se de uma forma pouco comum entre os conjuntos algárvios, mas que, ainda assim, se encontra presente em pequenas quantidades em Faro e no Castelo de Castro Marim (Viegas 2011), bem como, já no Alentejo, em Chãos Salgados (Quaresma 2012).

Por fim, dentro do conjunto das formas decoradas foram ainda identificados dois fragmentos de bordo, correspondentes a taças Drag. 30 (2 NMI), forma produzida durante todo o século I. Num deles (Lez 354, Fig. 5, n.º 2) apenas se conserva a área não decorada, sendo visível no restante (Lez 323, Fig. 5, n.º 3) uma linha de óvulos com lingueta com terminação em florinha, sob a qual se desenvolve um motivo vegetal de folhas serrilhadas.



**FIG. 5** Terra sigillata sudgálica: 1 – Drag. 11; 2 e 3 – Drag. 30; 4 – Marca de oleiro; 5 a 9 – Fundos indeterminados.

Um único fundo de taça de forma incerta (podendo tratar-se da forma Drag. 27 ou Drag. 35) contem marca de oleiro (Lez. 395, Fig.5, n.º 4). Corresponde a uma marca incompleta onde se pode ler [...]EX CN, que deverá pertencer ao oleiro *Sextius Can-*, variante 4a (Base de dados *Samian Research*, n.º 135996), oleiro que fabricou em La Graufesenque entre 80 e 110. Em Portugal, marcas deste oleiro foram identificadas exclusivamente em Represas, Beja (Lopes 1994).

Foi ainda reconhecido um conjunto de fundos para os quais não foi possível realizar uma classificação formal. Entre estes, contam-se cinco (Fig. 5, n.º 7 a 9) que podem ser integrados no grupo dos pratos e dois outros, cuja curvatura permite, ainda que com reservas, a sua classificação como tigelas (Fig. 5, n.º 5 e 6).

### 2.3. Terra Sigillata Hispânica

Dentro das produções hispânicas foram contabilizados 40 fragmentos, menos numerosos do que os de TSSG e também com diversidade formal inferior.

As formas mais frequentes são os pratos Hisp. 15/17 (Fig. 6, n.º 1-6), com sete bordos e uma parede (7 NMI), e os Hisp. 18 (Fig. 6, n.º 7-8), correspondendo a quatro bordos (4 NMI). O exvazamento e simplificação das paredes dos fragmentos da forma 15/17 afasta-os das produções mais antigas de influência sudgálica, aproximando-os mais das características associadas aos exemplares dos finais do século I e do século II (Bustamante Álvarez 2013). Por outro lado, os bordos arredondados e destacados dos fragmentos da forma 18 são assimiláveis aos elementos de tradição sudgálica, datados da época flávia.

O conjunto das taças é composto por um bordo da forma Hisp. 24/25 (1 NMI) (Fig 6, n.º 14), acompanhado pela característica ausência de ranhuras externas (Fernández-García – Ruiz Montes 2005), mas apresentando uma suave ranhura interna imediatamente por baixo do bordo, e seis da Hisp. 27, um dos quais (Lez 29, Fig.6, n.º 9) com lábio destacado e por isso com características ainda tradicionalmente sudgálicas, provavelmente ainda de cronologia flávia. Os restantes (Fig. 6, n.º 10-13) possuem um lábio já suavizado, o que permite associá-los a produções mais tardias, provavelmente já do século II (Bustamante Álvarez 2013). Estas formas são comuns entre os conjuntos recolhidos a nível regional, estando presentes nos principais centros de consumo algarvios, entre eles o Castelo de

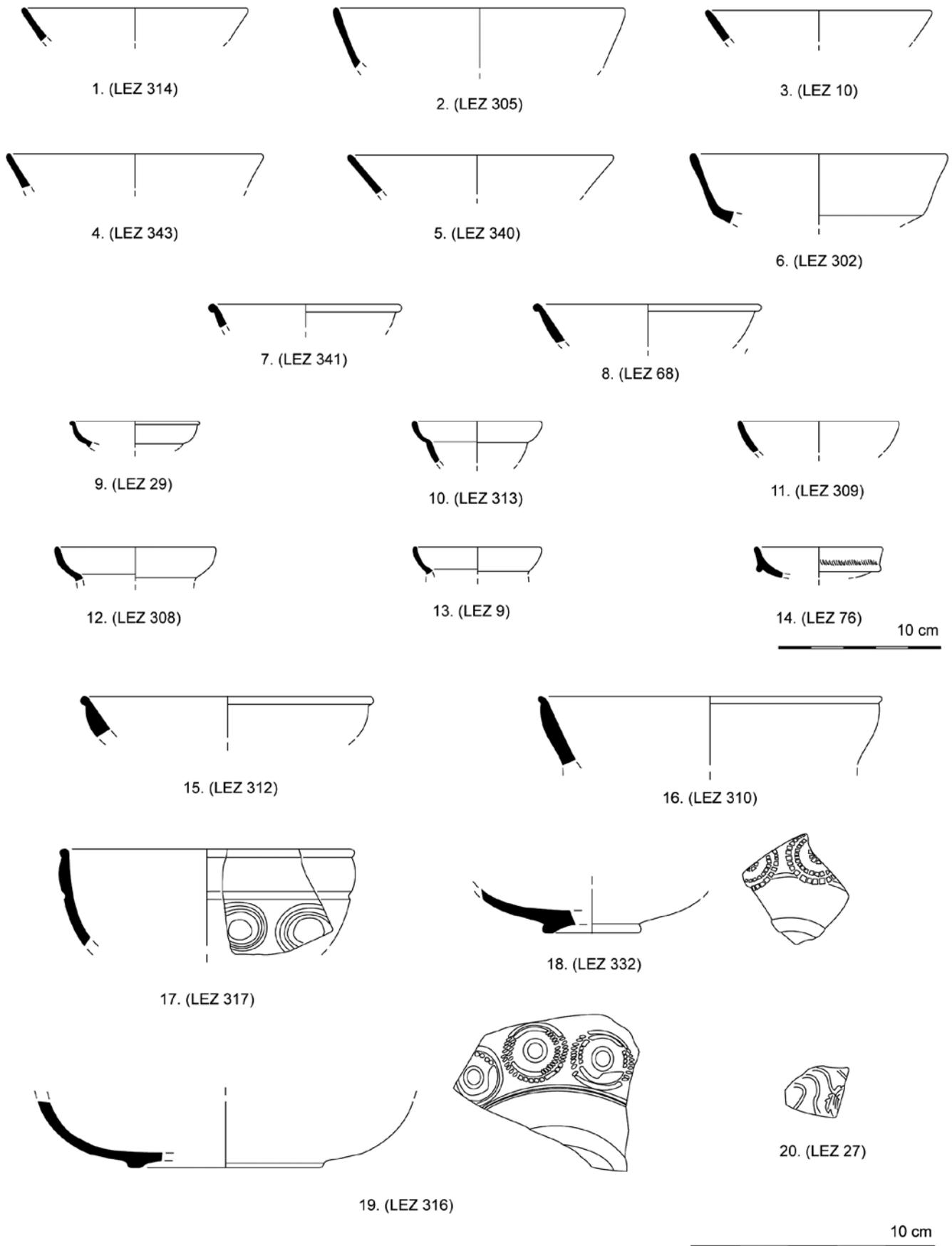
Castro Marim, mas também *Balsa* e Faro (Viegas 2011), Monte Molião (Rodrigues 2021), Milreu, Cerro da Vila (Teichner 2008) e Vidigal (Pereira 2012), bem como no Alentejo, em Chãos Salgados (Quaresma 2012).

Quanto aos fragmentos decorados, apenas foi identificada a forma Hisp. 37, com cinco fragmentos de bordo e três de fundo (5 NMI). Três dos primeiros (Lez, 312, 310 e Lez. 13, Fig. 6, n.º 15 e 16, último não ilustrado) não conservam a parede decorada. Os restantes bordos e fundos (Fig. 6, n.º 17 a 19 e Fig. 7, n.º 1) preservam todos eles decorações de motivos circulares dispostos em redor da parte inferior da taça, elementos característicos do período flávio (Sotomayor – Roca – Fernández García 1999; Fernández García 2015), tendo sido utilizados em La Rioja a partir de 60/70 d.C. O fundo Lez 88 (Fig. 7, n.º 1) contém, dentro dos já mencionados medalhões, uma ave. O Lez. 332 (Fig. 6, n.º 17) apresenta uma pasta de tonalidade bege e engobe avermelhado no exterior e muito escuro no interior, características muito invulgares nos produtos hispânicos, mas que podem corresponder a um fenómeno pós deposicional.

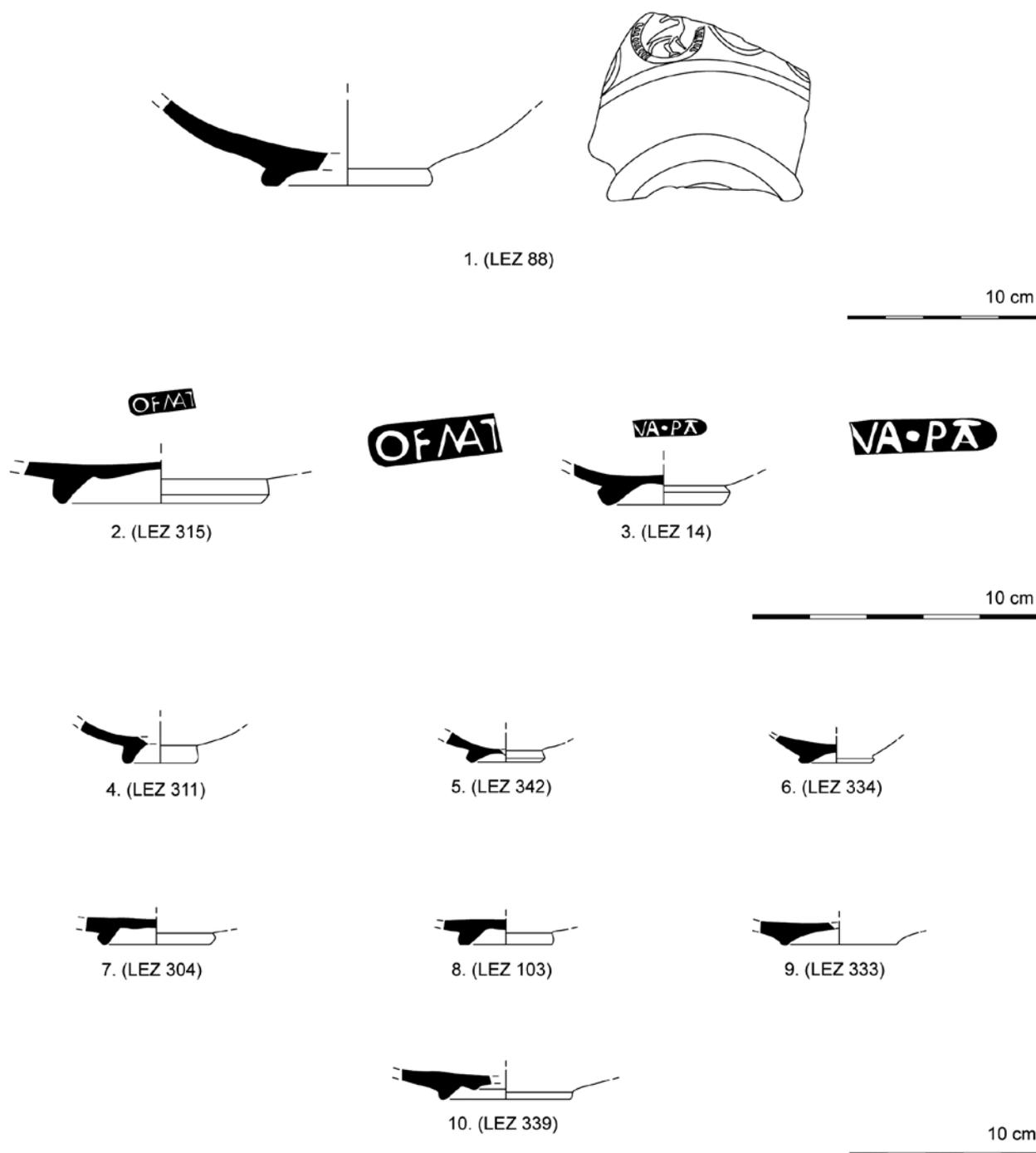
Foi ainda identificado um fragmento de parede de difícil classificação formal (Fig. 6, n.º 20) que exhibe pequenas porções de decorações vegetalistas ainda de influência sudgálica, decoração para a qual não foi possível identificar paralelos exatos. Dois outros aparentam apresentar decoração, mas a sua pequena dimensão impossibilitou a identificação de qualquer elemento distintivo.

Num fundo de prato de forma indeterminada (Lez 315, Fig. 7, n.º 2), foi possível observar uma marca de oleiro onde pode ler-se OF MAT [] (MA em nexos), muito provavelmente pertencendo a *Maternus Blandvs*, oleiro do centro produtor de *Tritium Magallum*. Trata-se de uma marca pouco comum em território português, tendo sido identificada apenas no fórum de *Eburobrittium* (Moreira 2002), onde está associada a contextos datados entre 70 e 100. Em território extra peninsular foi documentada em Tânger e Lixus (Boube 1965 *apud* Bustamante Álvarez 2010).

Num outro fundo de tigela de forma indeterminado é possível ler-se [] VA.PAT (AT em nexos) (Lez. 14, Fig. 7, n.º 3). É provável que esta marca corresponda ao oleiro *Valerius Paternus* de Trício. Trata-se de um dos oleiros hispânicos com maior difusão e maior número de punções identificados (Silva 2012: 474), estando



**FIG. 6** Terra sigillata hispânica: 1 a 6 – Hisp. 15/17; 7 e 8 – Hisp. 18; 9 a 13 – Hisp. 27; 14 – Hisp. 24/25; 15 a 19 – Hisp. 37; 20 – Parede decoradas.



**FIG. 7** Terra sigillata hispânica 1- Hisp. 37; 2 e 3 – Marcas de oleiro; 4 a 10 – Fundos indeterminados.

presente, por exemplo, em Faro (Viegas 2011), Praça da Figueira (Lisboa) (Silva 2012: 476), no fórum de *Eburbrittium* (Moreira 2002), em S. Cucufate (Alarcão – Étienne – Mayet 1990) e em Alcácer do Sal (Sepúlveda – Faria – Faria 2000). Macarena Bustamante posiciona a produção deste oleiro entre os principados de Trajano e Adriano (Bustamante Álvarez 2010).

Um terceiro fundo de prato (Lez. 358, não ilustrado), possivelmente da forma Hisp. 18, apresenta também marca de oleiro no fundo interno, mas o desgaste e

a fragmentação não permitem qualquer leitura dos caracteres.

Para além destes fundos com marca de oleiro, foram ainda identificados sete outros para os quais não foi possível realizar uma classificação em termos formais. Entre estes, dois corresponderão a taças (Lez. 311 e 342, Fig. 7, n.º 4-5), quatro a pratos (Fig. 7, n.º 7-10), não havendo, para o restante, dados que permitam compreender se se trata de um prato ou de uma taça (Lez. 334, Fig. 7, n.º 6).

## 2.4. Terra Sigillata Africana A

As importações de cerâmica de mesa norte africana são muito escassas, sobretudo se comparadas com as comentadas anteriormente. No total, foram contabilizados nove fragmentos, integralmente incluídos na categoria TSA, distribuindo-se pelos tipos 3, 9 e 14 A de Hayes.

O primeiro (1 NMI), que pode caber indistintamente na variante A ou B, está representado por um único bordo - Lez 361 (não ilustrada) - com decoração de barbotina, forma produzida entre o terceiro quartel do século I e os finais do século seguinte (Hayes 1972). Apesar de não ter sido identificada no Castelo de Castro Marim, a forma está presente em outros centros algarvios, como Faro (Viegas 2011; Martins 2019), Balsa (Viegas 2011), Vidigal (Pereira 2012) e Vale da Arrancada (Viegas 2017), bem como no Alentejo em sítios como Chões Salgados (Quaresma 2012).

Um pouco mais abundante é a Hayes 9, da qual se identificaram três bordos (Fig. 8, n.º 1-3), dois dos quais podem ser incluídos na variante A (2 NMI) (Lez 344 e Lez 9) e um (Lez 7) na variante B (1 NMI). A primeira é típica do século II (Hayes 1972; Bonifay 2004), com bons paralelos regionais por exemplo em Faro (Viegas 2011; Martins 2019) e em Balsa (Viegas 2011), e ainda no Alentejo litoral, em Chões Salgados (Quaresma 2012).

Um fragmento de bordo pode ter pertencido à forma Hayes 14A (1 NMI) (Fig. 8, n.º 4), taça hemisférica

associada a uma cronologia entre os finais do século II e os inícios do século III (Bonifay 2004). Em termos de distribuição regional encontramos esta mesma forma em Faro (Viegas 2011; Martins 2019) e em Balsa (Viegas 2011), bem como em vários outros sítios de menores dimensões como o Vidigal (Pereira 2012), Pedras del Rei (Viegas – Dinis 2010), Vale da Arrancada (Viegas 2017), Manta Rota (Viegas 2006) e ainda Milreu e Cerro da Vila (Teichner 2008), bem como no território alentejano como é o caso de Chões Salgados (Quaresma 2012). Um fragmento de fundo (Lez. 63, não ilustrado) pode corresponder a qualquer uma das formas anteriormente descritas.

Os restantes fragmentos do conjunto de TSA, um fundo (Lez. 348, não ilustrado) e dois bordos (Lez 8 e Lez 4, não ilustrados), não permitiram classificação do ponto de vista formal, dada a sua reduzida dimensão.

## 3. A CERÂMICA DE PAREDES FINAS

São apenas três os fragmentos que se associam à categoria da cerâmica de paredes finas. Trata-se de um bordo (Lez. 93, Fig. 9, n.º 1), um fundo (Lez. 95, Fig. 9, n.º 2) e uma parede com decoração com pérolas obtida através da técnica da barbotina (Lez. 92, Fig. 9, n.º 3) (1 NMI). Todas são importações da Bética devendo o bordo e a parede incluir-se no tipo Mayet

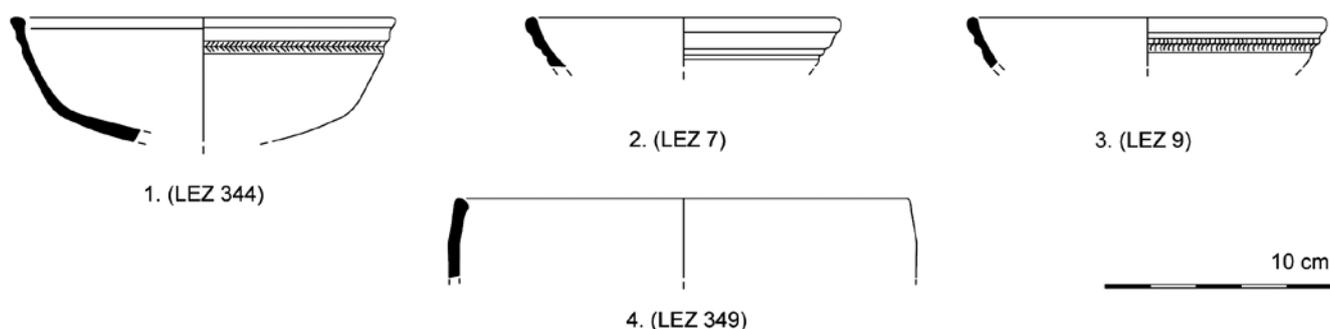


FIG. 8 Terra sigillata africana: 1 e 3 – Hayes 9A; 2 – Hayes 9B; 4 – Hayes 14A.

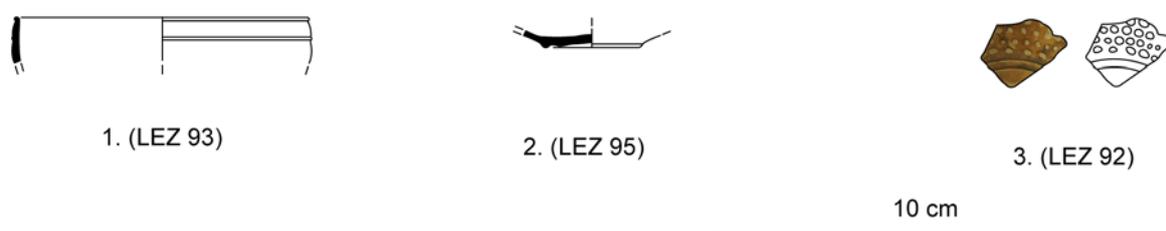


FIG. 9 Cerâmica de paredes finas: 1 a 3 – Mayet XXXVII ou XXXVIII

XXXV ou XXXVII, cabendo o fundo indistintamente nos tipos XXXV, XXXVI ou XXXVII. São formas frequentes a partir do Principado de Cláudio em todo o Ocidente peninsular. No Algarve, destaca-se o abundante conjunto de Monte Molião, aí devidamente contextualizado (Sousa – Arruda 2018).

#### 4. AS ÂNFORAS

O conjunto anfórico da Lezíria é constituído por 43 fragmentos, entre bordos (nove), fundos (14) e asas (20) contabilizando um NMI de 21.

A análise macroscópica das pastas permitiu verificar a existência de importações oriundas da Península itálica, muito escassas, e da Bética, bem como de produtos lusitanos, mais concretamente regionais.

As primeiras estão representadas por um fragmento de asa (Lez. 14, não ilustrado), de secção oval, muito provavelmente pertencente a uma ânfora vinária de tipo Dressel 1 (1 NMI), cujo fabrico indica uma origem na região do Lácio ou da Campânia. Com pastas menos características, mas idênticas entre si, identificamos um fundo maciço, largo e de tendência cónica (Lez 378, Fig. 10, n.º 1).

A distribuição deste contentor no território actualmente português é muito vasta (Filipe 2019: 299, Fig. 23), devendo fazer-se referência, pela proximidade geográfica, aos exemplares do Castelo de Castro Marim (Viegas 2011: 474-477) e do Forte de São Sebastião, Castro Marim (Arruda – Pereira 2008).

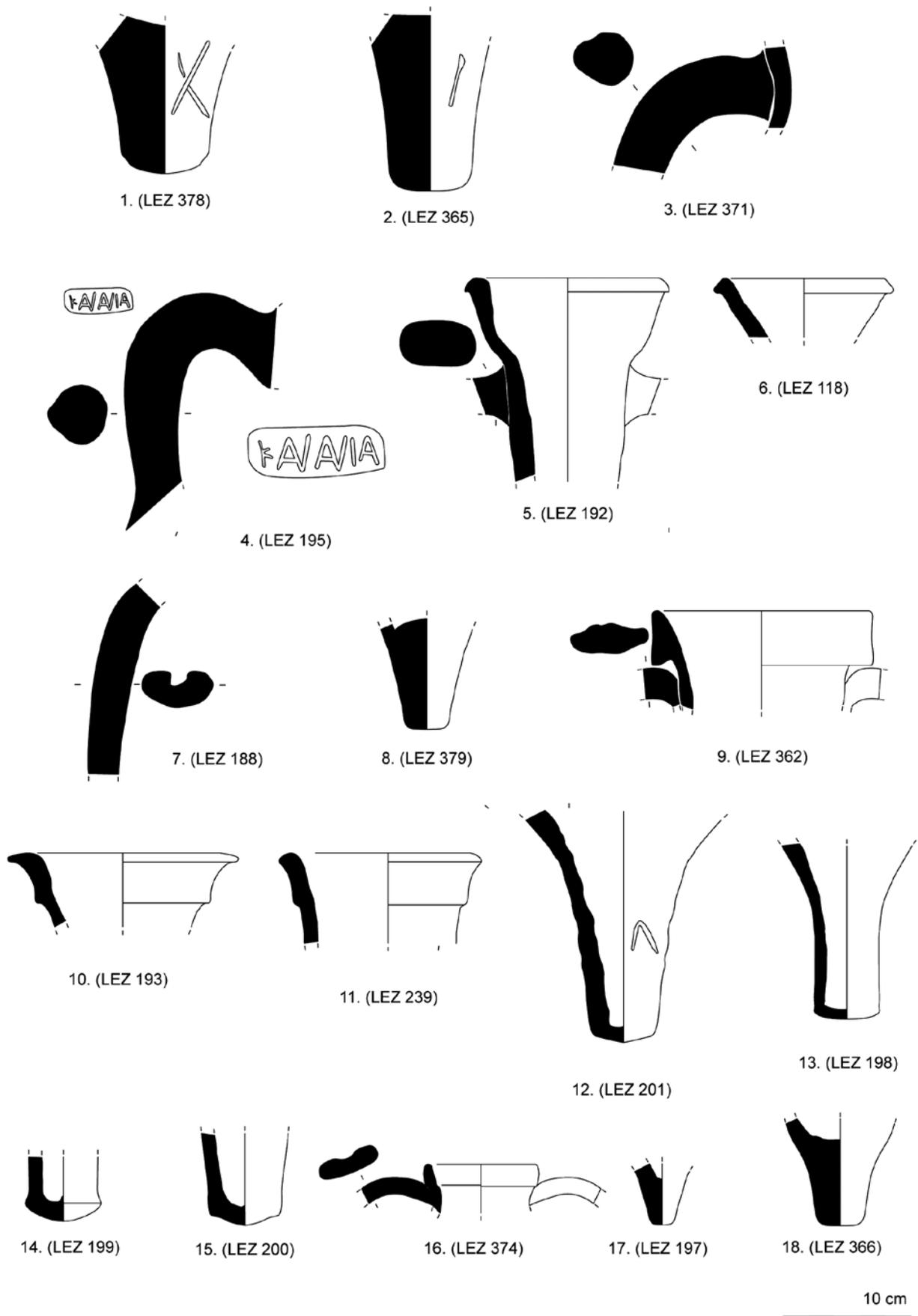
O restante fundo (Lez. 365, Fig. 10, n.º 2) é tendencialmente cilíndrico e pode ter pertencido a uma Dressel 2-4 (1 NMI), ânfora que nunca tendo atingido o volume das importações do tipo anterior, e sendo inexistente no território de Castro Marim está, apesar de tudo, bem representada no Algarve, concretamente em *Balsa* (Viegas 2011: 359, Est. 65), Quinta de Marim (Silva – Soares – Coelho-Soares 1992), Quinta do Lago (Arruda 2019: 97, fig. 4, n.º 1, 2 e 3), Milreu (Teichner 2008), Cerro da Vila (Teichner 2008), Foz do Arade (Silva – Coelho-Soares – Soares 1987; Diogo – Cardoso – Reiner 2000), Lagos (Almeida – Moros Diaz 2014) e Quinta da Abicada (Teichner 2008). Ambos os fundos possuem grafitos pré-cozedura, relacionados, portanto, com o processo da produção, sendo o primeiro um X e o último um simples traço vertical.

As importações béticas são em maior número, estando representado o vale do Guadalquivir e a área da Baía de Cádiz.

Da primeira das regiões, registaram-se as Dressel 20 (3 NMI), documentadas através de seis fragmentos de asa e de um fundo. Os perfis das duas asas mais completas (Lez. 371 e Lez. 195, Fig. 10, n.º 3 e 4) permitem enquadrá-las na forma D (“Antoniniano Temprana”) de Berni Millet e García Vargas (2016), o que indica uma cronologia dos inícios do II, merecendo destaque a marca completa *in ansa*, com direcção directa e em *litt. Extantibus* (Fig. 10, n.º 4). Pode ler-se LLANAIA, marca que se aproxima das CEIPAC 12982 e CEIPAC 13591, impressas também sobre asas de Dressel 20 (Ponsich 1974: 155, n.º 64; Étienne – Mayet 2004: n.º 124 a e b) e que foram consideradas oriundas de um centro produtor de ânforas localizado nas proximidades de Arva (Remesal Rodríguez *et al.* 1997).

As ânforas oleárias de tipo Dressel 20 constituem o mais difundido contentor bético no centro e ocidente do Império, estando presente em quantidades apreciáveis em todo o território português, com especial incidência no vale do Tejo e no Algarve. Nesta última região, são conhecidas no Castelo de Castro Marim (Viegas 2011), *Balsa* (Viegas 2011), Pedras d’El Rei, (Viegas – Dinis 2010), Quinta do Marim (Silva – Soares – Coelho-Soares 1992), Faro (Viegas 2011; Almeida *et al.* 2014), Cabo de Santa Maria (Cardoso 2013, *apud* Avelino 2015), Quinta do Lago (Arruda 2019), Milreu (Teichner 2008), Cerro da Vila (Teichner 2008), Cerro da Rocha Branca (Gomes – Beirão 1986), foz do rio Arade (Silva – Coelho-Soares – Soares 1987; Diogo – Cardoso – Reiner 2000; Fonseca 2015), Ria de Alvor (Cardoso 2013, *apud* Avelino 2015), Lagos (Almeida – Moros Diaz 2014), Vidiagal (Pereira 2012) e em Monte Molião (Estrela 1999; Arruda *et al.* 2008; Bargão 2008; Viegas – Arruda 2013; Arruda – Viegas 2016), sítio em que constituem mais de 50 % das importações béticas, tendo atingido os 64 % na fase flávio-trajana (Arruda *et al.* no prelo).

Também com origem no vale do Guadalquivir, contabilizaram-se dois bordos, nove fragmentos de asa e dois fundos pertencentes a ânforas de tipo Haltern 70 (5 NMI). Os primeiros (Lez. 192 e 118, Fig. 10, n.º 5 e 6) apresentam bordos engrossados no exterior, diferenciando-se do resto do lábio, convexo, através de um ressalto bem marcado, sendo a face interna côncava. Estas características permitem enquadrar



**FIG. 10** Ânforas: 1 - Dressel 1 (itálica); 2 - Dressel 2-4 (itálica); 3 e 4 - Dressel 20 (Guadalquivir); 5 a 8 - Haltern 70 (Guadalquivir); 9 - Dressel 1 A (Bética); 10 e 11 - Dressel 7-11 (Bética); 10 a 15 - Dressel 10B ou 11 (Bética); 16 a 18 - Almagro 51C (Lusitana).

os exemplares da Lezíria na variante D de Berni Millet, para a qual está estabelecida uma cronologia de época flávia (Berni Millet 2011). As asas, de perfil oval (Lez. 188, Fig. 10, n.º 7), possuem uma canelura vertical profunda e os dois fundos são cónicos e maciços, com esfera de argila a rematar a superfície interna (Lez. 379, Fig. 10, n.º 8).

Tal como as anteriores, as ânforas Haltern 70, que transportaram essencialmente produtos vinários, conheceram uma ampla difusão no actual território português, sobretudo nos finais da república e inícios do principado, sendo muito mais raras as de época flávia. Estas, contudo, estão presentes no Algarve, concretamente no Castelo de Castro Marim (Arruda *et al.* 2006: Fig. 10, n.º 106-107; Viegas 2011: 499, Estampa 108, n.º 1368-1372), ainda que com escassa representação, o que contrasta com a sua abundância no século I a.C. e primeira metade do seguinte.

As ânforas oriundas da Bética costeira estão representadas por 14 fragmentos, entre bordos (seis, quatro dos quais pertencem à mesma peça), fundos (quatro) e asas (quatro).

Os bordos incluem-se nos tipos Dressel 1 A (1 NMI, Lez. 362, Fig. 10, n.º 9) e no abrangente grupo das Dressel 7-11 (4 NMI, Lez. 193 e Lez. 239, Fig. 10, n.º 10 e 11).

O primeiro, alto e com secção triangular, tem pasta compacta, dura, com numerosos elementos não plásticos de reduzida dimensão, apresentando cor laranja-claro, e um engobe bege, pouco espesso, que cobre a superfície externa. Estas características indicam uma produção na área da Baía de Cádiz, muito possivelmente em olarias localizadas na ilha de São Fernando, onde ânforas de este tipo foram fabricadas entre o século II e os finais do século I a.C.

As ânforas Dressel 1 produzidas na área costeira da Andaluzia Ocidental (García Vargas *et al.* 2016a), de ampla distribuição geográfica na área do Mediterrâneo como demonstram os exemplares de Tharros, Roma ou Delos (García Vargas – Bernal 2008), nunca atingiram em Portugal os valores das suas congéneres itálicas. Porém, estes contentores estão presentes, no vale do Tejo (Lisboa, Monte dos Castelinhos e Santarém) e, sobretudo, no Algarve, área que, no quadro do presente estudo, se deve valorizar. A sua presença no Castelo de Castro Marim (Viegas 2011: 493, Est. 105: 1340-1343) e em Monte Molião (Arruda – Sousa 2013: 120) foi documentada em níveis tardo republicanos

e augustanos, sempre em pequenas quantidades, sobretudo se comparadas com outras ânforas fabricadas na área do Estreito de Gibraltar, em geral, e na baía de Cádiz, em particular.

Os restantes cinco bordos, que correspondem a duas ânforas (Lez. 193 e Lez. 239, Fig. 10, n.º 10 e 11), cabem indistintamente nos tipos Dressel 10B (García Vargas *et al.* 2016b) ou Dressel 11 (García Vargas *et al.* 2016c), possuindo bocas acampanadas, bordos esvaçados de secção rectangular e lábios côncavos, que, na superfície externa, estão separados do colo por um ressalto pouco pronunciado. As pastas são claras (esbranquiçadas e alaranjadas), porosas, polvorentas, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, entre os quais se distinguem alguns grãos de quartzo, características que indicam uma importação gaditana.

Os quatro fundos,ocos, altos, e de base plana ou ligeiramente convexa (Lez. 201, 198, 199, 200, Fig. 10, n.º 12, 13, 14 e 15), pertencem muito possivelmente a estas ou a outras ânforas destes mesmos tipos (Dressel 10B ou Dressel 11), com as quais partilham as características físicas das pastas e a cor.

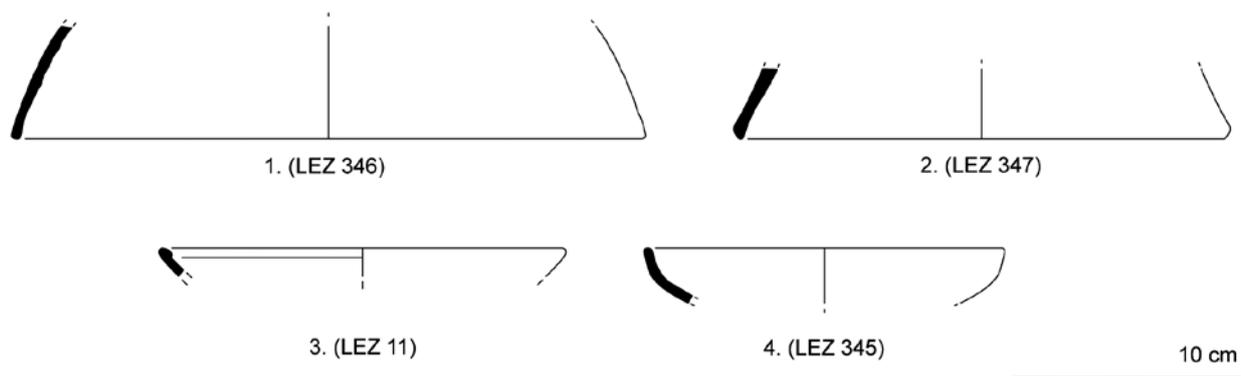
Também as asas, largas e de fita, são incluíveis nas mesmas formas possuindo fabricos idênticos, denotando uma mesma origem. Todas têm perfis ovais, mas três apresentam caneluras o que pode apontar para a sua pertença ao grupo das Dressel 10B, enquanto a restante, sendo lisa, pode caber no mesmo grupo ou no das Dressel 11.

Uma cronologia dos finais do século I/inícios do II parece ser de admitir para estas ânforas piscícolas produzidas na Bética costeira.

As ânforas lusitanas estão representadas por cinco fundos e um bordo (Lez. 382, 197, 366, 374, 361, 113, Fig. 10, n.º 16, 17 e 18).

O bordo (Lez. 374, Fig. 10, n.º 16), que se integra no tipo Almagro 51 C (5 NMI), tem lábio sub-triangular, apresentando-se na superfície interna acentuadamente côncavo. A pasta é idêntica à que foi reconhecida nos fundos, havendo, tal como em um deles, um engobe de tonalidade bege.

Os cinco primeiros são curtos, sendo três tronco-cónicos e dois cilíndricos e pertenceram, muito provavelmente, à mesma forma. As pastas são grosseiras, mas duras, com abundantes elementos não plásticos (sobretudo calcite) de pequena e média dimensão e



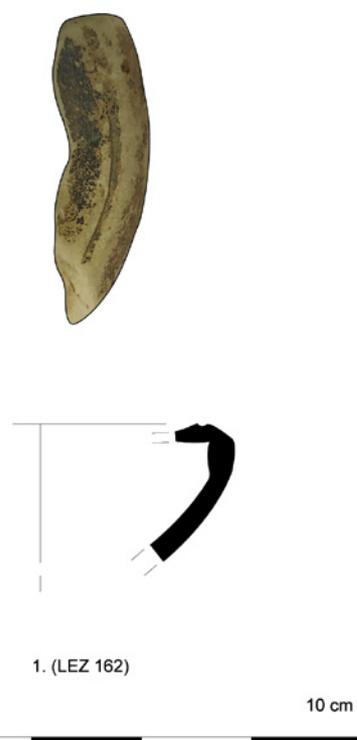
**FIG. 11** Cerâmica de cozinha africana: 1 e 2 – Hayes 196 A; 3 – Hayes 23 B; 4 – Hayes 181 C.

apresentam cor laranja-escuro, estando um deles (o cilíndrico) coberto por um engobe bege.

As características da pasta e a própria morfologia indicam uma produção algarvia, onde quase todos os fornos conhecidos produziram este tipo anfórico entre o século III e o V, como são os casos de São Bartolomeu de Castro Marim (Vasconcelos 1898: 329-336; Alves – Diogo – Reiner 1990), Manta Rota (Vasconcelos 1920; Viegas 2006), Quinta do Lago (Arruda – Fabião 1990) ou Martinhal (Silva – Soares – Correia 1990; Dias 2009; Bernardes *et al.* 2013).

## 5. A CERÂMICA DE COZINHA AFRICANA

No sítio da Lezíria foram ainda recolhidos cinco fragmentos de bordo que cabem na categoria da “cerâmica de cozinha africana”, que se enquadram tipologicamente nas formas 196, variante A (dois exemplares, Lez. 346 e 347, Fig. 11, n.º 1 e 2), 23, variante B (dois exemplares, Lez. 11 e 363, Fig. 11, n.º 3), e 181, variante C (um exemplar, Lez. 345, Fig. 11, n.º 4) de Hayes (1972). Estes pratos/tampas (Hayes 196) e este tipo de caçoilas e/ou frigideiras (Hayes 23 e 181), produzidos em várias regiões do actual território tunisino a partir do século II (Bonifay 2004), conheceram uma considerável divulgação no Mediterrâneo ocidental e na Península Ibérica, tendo sido reconhecidos a nível regional em vários sítios, como são os casos do Vidigal (Pereira 2012), *Ossonoba*, *Balsa* (Viegas 2011), Cerro da Vila (Teichner 2008) e Monte Molião (Arruda – Pereira 2017). Assinale-se que nos últimos dois sítios foram recolhidos em níveis datados contextualmente do século II.

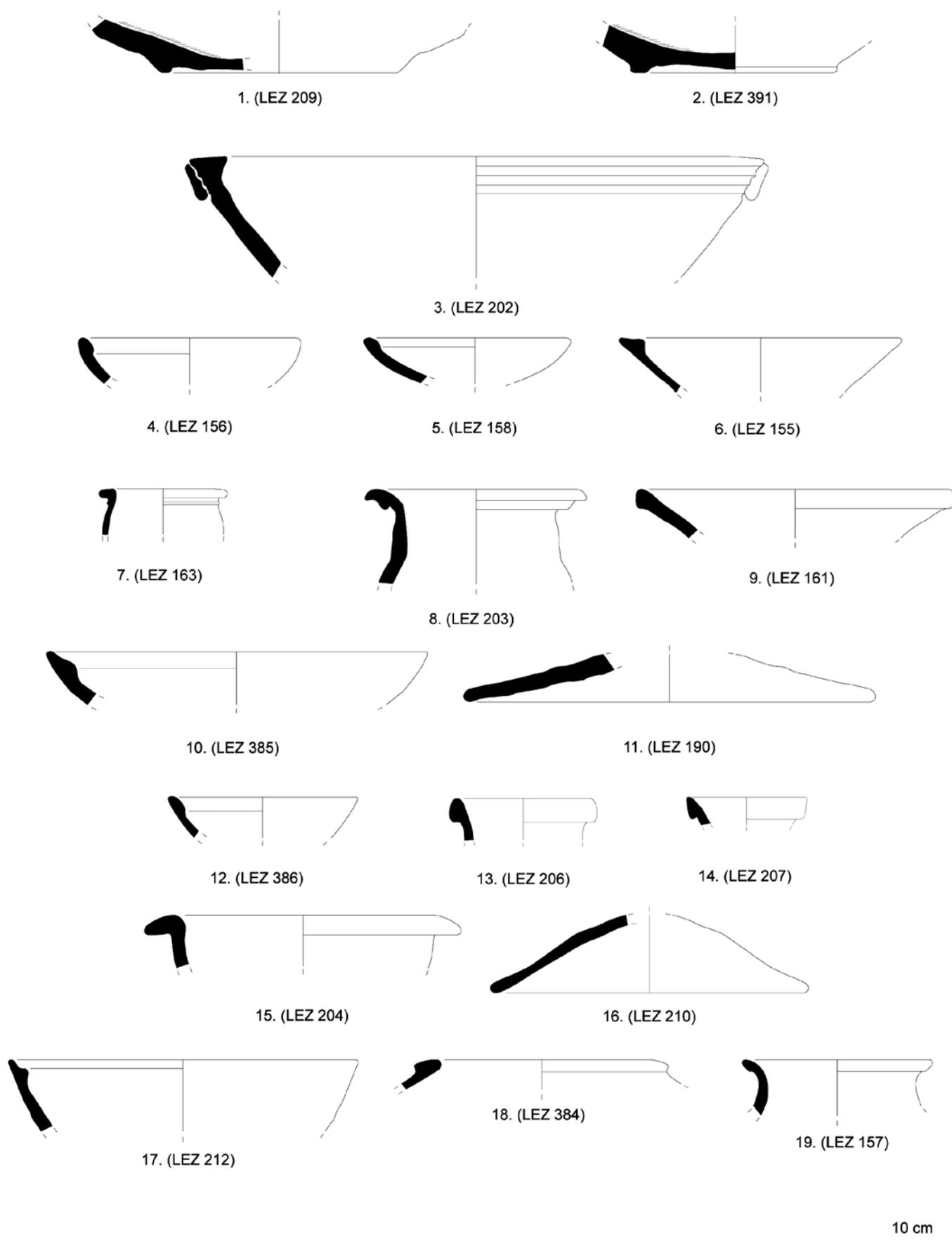


**FIG. 12** Lucerna Dressel 14 ou 15

## 6. LUCERNA

Entre os materiais recolhidos à superfície na Lezíria encontra-se uma única lucerna (Lez, 162, Fig. 12, n.º 1). Trata-se de uma lucerna da série de volutas, de difícil classificação tipológica dada a reduzida dimensão do fragmento. Ainda assim, pode avançar-se que não é impossível incluí-la quer no tipo Dressel 14, quer no 15.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Agradecemos ao Doutor Carlos Pereira a ajuda na classificação desta peça.



**FIG. 13** 1 a 3 – Almofazires (Bética); 4 a 6 e 10 – Tigelas (Bética); 7 – Jarro (Bética); 8 – Pote (Bética); 9 – Pote (?) (Bética); 11 – Tampa (local); 12 - Tigela (local); 13 e 14 – Pote (local); 15 – Dolium (local); 16 – Tampa (pasta redutora); 17 – Caçoila (pasta redutora); 18 – Tacho (pasta redutora); 19 – Pote/Panela (pasta redutora).

## 7. A CERÂMICA COMUM

A cerâmica comum faz também parte do conjunto de materiais recolhidos na Lezíria, tendo sido detectadas várias categorias morfo-funcionais, como almoçarizes, *dolia*, potes/panelas, jarros, tigelas e caçoilas, destinados à preparação e confecção de alimentos, mas também ao serviço de mesa.

Os primeiros (Lez. 209 e 391 – Fig. 13, n.º 1 e 2) possuem fabricos (pastas pouco compactas, esbranquiçadas e calcárias) que podem ser associados à Bética, tratando-se, portanto, de importações. Trata-se de dois fundos, anelares, sendo visíveis as estrias concêntricas na parede interna.

Uma pasta idêntica foi reconhecida num bordo de lábio horizontal e ligeiramente invertido, do que parece ser um alguidar com asa horizontal (Lez. 202, Fig. 13, n.º 3) e em duas tigelas hemisféricas, de bordo espessado internamente (Lez. 156 e 158 – Fig. 13, n.º 4 e 5) e em uma outra cujo bordo é plano-convexo (Lez. 155 – Fig. 13, n.º 6).

Com pastas um pouco mais compactas e depuradas, mas de coloração e matriz geológica aparentemente idênticas, foram identificados bordos de um jarro (Lez. 162 – Fig. 13, n.º 7), de um pote (Lez. 203, Fig. 13, n.º 8) e de uma forma indeterminada - pote? – (Lez. 161, Fig. 13, n.º 9). Corresponderão também, muito provavelmente a importações da área do Estreito de Gibraltar.

Também com origem na Bética, mas produzido no vale do Guadalquivir, identificámos um bordo de uma tigela (Lez. 385, Fig. 13, n.º 10), de bordo plano-convexo, invertido.

Atribuímos a produções locais uma tampa (Lez. 190, Fig. 13, n.º 11), uma tigela hemisférica (Lez. 386, Fig. 13, n.º 12), um tacho de bordo aplanado (Lez. 144, não ilustrado), dois potes de bordo espessado e lábio pendente (Lez. 206 e 207, Fig. 13, n.º 13 e 14) e um *dolium* de bordo espessado e exvertido (Lez. 204, Fig. 13, n.º 15).

A origem das peças de pastas redutoras, duras e de granulometria média, com cores que oscilam entre o cinzento-claro e o cinzento escuro, não é fácil de determinar. De facto, foram já consideradas produções regionais (Viegas 2012), mas vasos com estas mesmas características de fabrico foram identificados na Andaluzia nomeadamente na depressão de Antequera (Serrano

2000) e em Sevilha (Vázquez Paz *et al.* 2018), estando a sua produção também documentada na Extremadura espanhola (Bustamante 2012). Na Lezíria, as formas são uma tampa (Lez. 210, Fig. 13, n.º 16), uma caçoila de bordo escalonado (Lez. 212 – Fig. 13, n.º 17), um tacho de bordo plano-convexo (Lez. 384, Fig. 13, n.º 18) e um pote/panela (Lez. 157 – Fig. 13, n.º 19).

## 8. AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UM CONJUNTO DESCONTEXTUALIZADO

Apesar das circunstâncias em que foram encontrados, os materiais que as prospecções na Lezíria proporcionaram revestem-se de uma considerável importância, não podendo ser dissociados do contexto regional em que o sítio se insere. Neste âmbito, ganham particular destaque o Castelo de Castro Marim e o Forte de São Sebastião, mas também outras áreas em que a ocupação romana foi detectada, concretamente São Bartolomeu de Castro Marim, Enterreiro, Vale do Boto e Sobral (Gonçalves – Arruda – Calado 1996).

Parece assim claro que na crista alongada localizada a Sul de um dos esteiros do Guadiana a instalação de populações ocorreu num momento que podemos localizar nos finais do século I a.C., como alguns vasos de *terra sigillata* itálica e algumas ânforas (Dressel 1 itálicas e Dressel 1 A bética) indicam claramente. Sendo muito escassos, se comparados com o restante espólio, atestam, ainda assim, uma ocupação datada do principado de Augusto, também documentada no Castelo de Castro Marim (Viegas 2011), aí muito mais dinâmica e robusta.

Esta realidade documenta a instalação em territórios anexos ao *oppidum* estipendiário de indivíduos que se dedicavam à exploração agrícola e talvez pecuária. Esta acomodação, de características iminente rurais, foi, muito provavelmente, programada pelo referido *oppidum*, parecendo certo que estaria na sua na directa dependência.

Ao contrário do que até há pouco tempo se supunha, o início das ocupações de âmbito rural é, no Algarve, um fenómeno que ocorreu ainda antes da viragem da Era. De facto, quer no Cerro da Vila (Teichner 2008: 314-315), quer em *Balsa* (Maia 1987: 45; Nolen 1994: 63; Viegas 2011), quer ainda na vila romana da encosta da Marina (Arruda 2021: 220) há

indícios claros de presenças humanas a partir dos finais do 3.º quartel do século I a.C., evidenciando uma nova modalidade de ocupação e exploração do território, com ocupação permanente de espaços abertos e de baixa altitude.

Foi, contudo, ao longo da dinastia júlio-cláudia e durante o principado dos Flávios, que a referida ocupação se fortaleceu, mantendo-se, todavia, a ligação estreita com o Castelo de Castro Marim, estando também relacionada com as restantes ocupações de âmbito rural documentadas em Vale do Boto, Sobral e São Bartolomeu de Castro Marim.

## Bibliografia

- ALARCÃO, A. M. (1971) – A Terra Sigillata em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: 421-432.
- ALARCÃO, A. M. (1975) – *Les Sigillées Italiques*. In *Fouilles de Conimbriga, IV. Les Sigillées*. Paris: 1-66.
- ALARCÃO, J. – ÉTIENNE, R. – MAYET, F. (1990) – *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris.
- ALMEIDA, R. – MOROS DIAZ, J. (2014) – Um testemunho da Figlina Scalensia em Lagos (Portugal). A propósito da grande fossa detritica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes. *Al-Madan*, II(19): 44-59.
- ALMEIDA, R. R. – VIEGAS, C. – BEJA, N. – TEIXEIRA, N. (2014) – As Ânforas do Mediterrâneo Oriental em Faro (Ossonoba). Novos dados para equacionar o comércio durante a Antiguidade Tardia. In MORAIS, R. – FERNÁNDEZ, A. – SOUSA, M. J. (eds.) – *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia. Actas do II Congresso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispana* (Braga, 2013), Tomo II. Braga: 151-160. URL: <http://hdl.handle.net/10451/41943>
- ALVES, F. J. S. – DIOGO, A. D. – REINER, F. (1990) – A propósito dos fornos de cerâmica lusitano-romanos de S. Bartolomeu do Mar. In ALARCÃO, A. – MAYET, F. (eds.) – *Ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Coimbra: 193-198.
- ARCELIN, P. – TUFFREAU-LIBRE, M. (dirs.) (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*. (Collection Bibracte 2). Glux-en-Glenne: 141-157.
- ARRUDA, A. M. (2019) – Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações. *Ophiussa*, 3: 93-110. URL: <http://hdl.handle.net/10451/40746>
- ARRUDA, A. M. (2021) – Guerra e Paz: O Algarve romano entre Ilipa e Munda. In Pereira, C. – ALBUQUERQUE, P. – MORILLO, Á. – FABIÃO, C. – CHAVES, F. (eds.) – *De Ilipa a Munda. Guerra e conflito no sul da Hispânia*. Lisboa: 209-224.
- ARRUDA, A. M. – DIAS, A. C. (1985) – A terra sigillata itálica e sud-gálica do sítio romano-árabe da Lezíria (Castro Marim), *Conimbriga*, 24: 111-124.
- ARRUDA, A. M. – DIAS, Í. (2018) – A terra sigillata itálica de Monte Molião, Lagos, Portugal. *Portvgalia*, (39): 159-178. DOI: 10.21747/09714290/port39a4.
- ARRUDA, A. M. – FABIÃO, C. (1990) – Ânforas da Quinta do Lago (Loulé). In ALARCÃO, A. – MAYET, F. (eds.) – *As Ânforas Lusitanas. Tipologia - Produção - Comércio*. Coimbra: 199-213.
- ARRUDA, A. M. – PEREIRA, A. (2017) – A cerâmica de cozinha africana de Monte Molião e o seu enquadramento regional. *Onoba*, 5: 21-43.
- ARRUDA, A. M. – PEREIRA, C. (2008) – As ocupações antigas e modernas do Forte de São Sebastião, Castro Marim. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve - Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007*, Volume I (XELB 8). Silves: 391-421.
- ARRUDA, A. M. – PEREIRA, C. – SOUSA, E. – DIAS, I. (no prelo) – Importações béticas no Sul da Lusitânia: leituras a partir de um centro de consumo (Monte Molião, Lagos, Portugal). In *Actas do Congreso Internacional Ex Baetica amphorae, veinte años despues*. Sevilha.
- ARRUDA, A. M. – SOUSA, E. (2013) – Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *SPAL*, 22: 101-141. URL: <http://hdl.handle.net/10451/10883>
- ARRUDA, A. M. – SOUSA, E. – BARGÃO, P. – LOURENÇO, P. (2008) – Monte Molião (Lagos): Resultados de um projecto em curso. *XELB*, 8: 161-192.
- ARRUDA, A. M. – VIEGAS, C. (2016) – As ânforas alto-imperiais de Monte Molião. In JÁRREGA, R. – BERNI, P. (eds.) – *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. Tarragona: 446-463. URL: <http://hdl.handle.net/10451/25550>
- ARRUDA, A. M. – VIEGAS, C. – BARGÃO, P. – PEREIRA, R. (2006) – A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana. *Setúbal Arqueológica*, 13: 153-176. URL: <http://hdl.handle.net/10451/40859>
- AVELINO, A. (2015) – *Achados arqueológicos subaquáticos no Algarve: As atividades comerciais entre a Idade do Ferro e Período Romano*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade do Algarve. Inédita.
- BARGÃO, P. (2008) – Intervenção de emergência na Rua do Molião: primeiras leituras. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve - Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007*, Volume I (XELB 8). Silves: 160-190.
- BERNARDES, J. P. – MORAIS R. – PINTO, I. V. – DIAS, R. (2013) – A olaria baixo-imperial do Martinhal, Sagres (Portugal). In BERNAL, D. – JUAN, L. C. – BUSTAMANTE, M. – DÍAZ, J. J. – SÁEZ, A. M. (eds.) – *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania (Monografías Ex Officina Hispana, I)*, Tomo I, Ex Officina Hispana /Universidad de Cádiz: 317-329.
- BERNI MILLET, P. (2011) – Tipología de la Haltern 70 bética. In Carreras, C. – Morais, R. – González Fernández, E. (coords.) – *Ânforas romanas de Lugo* (Traballos de Arqueoloxía 3). Lugo: 80-107.
- BERNI MILLET, P. – GARCÍA VARGAS, E. (2016) – Dressel 20 (Valle del Guadalquivir). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo*. Disponível em: <http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel—20-guadalquivir-valley>.
- BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (BAR International Series 1301). Oxford.
- BOUBE, J. (1965) – *La Terra Sigillata Hispanique en Mauritanie, Les Marques de Potiers*. Tânger.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2010) – *Terra Sigillata Hispánica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del suburbio Norte*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Cádiz. Inédita.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2012) – Las cerámicas comunes altoimperiales de Augusta Emerita. In Bernal, D. – Ribera, A. (ed.) – *Cerámicas hispanoromanas. II, Producciones regionales*. Cádiz: 407-433.

- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013) – *La Terra Sigillata Hispánica em Augusta Emerita: estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte* (Anejos de AespA LXV). Mérida.
- CAEIRO, J. O. (1976-1977) – Marcas de oleiro em terra sigillata itálica do Castelo das Guerras (Moura). *Setúbal Arqueológica*, II-III: 419-422.
- CARDOSO, J. P. (2013) – *Ânforas romanas recuperadas em meio subaquático em Portugal*. Edição do autor.
- DIAS, R. (2009) – *As ânforas do centro oleiro romano do Martinhal (Vila do Bispo – Algarve)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Algarve. Inédita. URL: <http://hdl.handle.net/10400.1/776>
- DIOGO, A. M. D. – CARDOSO, J. P. – REINER, F. (2000) – Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3(2): 81-118.
- ESTRELA, S. (1999) – Monte Molião, Lagos: intervenção de emergência (1998) e problemas da gestão do património em sítios arqueológicos classificados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1): 199-234.
- ÉTIENNE R. – MAYET F. (2004) – *L'huile hispanique. Corpus des timbres amphoriques sur amphores Dressel 20*. Paris.
- ETTLINGER, E. – HEDINGER, B. – HOFFMANN, B. – KENRICK, P. M. – PUCCI, G. – ROTH-RUBI, K. – SCHNEIDER, G. – VON SCHNURBEIN, S. – WELLS, C. M. – ZABEHLICKY-SHEFFENEGGER, S. (1990) – *Conspectus Formarum Terrar Sigillatae Italico Modo Confectae. Materialien zur Römisch-Germanischen Keramik*. Bonn.
- FARIA, J. C. – FERREIRA, M. A. – DIOGO, A. M. D. (1987) – Fornos de ânforas de Alcácer do Sal. *Conimbriga*, 26: 77-111. DOI: [https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657\\_26\\_4](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_26_4)
- FILIPE, V. (2019) – *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. URL: <http://hdl.handle.net/10451/38619>
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. – SILVA, R. C. – GARCÍA VARGAS, E. – GONÇALVES, A. (2019) – Los inicios de la ocupación romana de Lagos (Portugal) a partir de um contexto cerâmico Julio-Claudio". *SPAL*, 28, 2: 181-202.
- FERNÁNDEZ GARCÍA M. I. (2015) – La terra sigillata de origen bético: un camino aún por recorrer. In Fernández Ochoa, C. – Morillo, Á. – Zarzalejos, M. (eds.) – *Manual de cerámica romana II. Cerámicas romanas de época altoimperial en Hispania. Importación y producción*. Alcalá de Henares: 233-318.
- FERNÁNDEZ-GARCÍA, M. I. – RUIZ MONTES, P. (2005) – Sigillata Hispánica de Origen Bético. In ROCA ROUMENS, M. – FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (eds.) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Un breve guía de referencia*. Málaga: 139-182.
- FONSECA, C. (2015) – *Fundear e naufragar entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o caso do arqueossítio Arade B*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e da Universidade Nova de Lisboa. Inédita.
- GARCÍA VARGAS, E. – BERNAL, D. (2008) – Ânforas de la Bética. In BERNAL, D. – RIBERA LACOMBA, A. (eds.) – *Cerámicas hispano-romanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: 661-687.
- GARCÍA VARGAS, E. – BERNAL CASASOLA, D. – SÁEZ ROMERO, A. – DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. (2016a) – Dressel 1 (Baetica Ulterior coast). In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. URL: <http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-1-baetica-ulterior-coast>.
- GARCÍA VARGAS, E. – MARTÍN-ARROYO, D. – LAGÓSTENA BARRIOS, L. G. (2016b) – Dressel 10 (Baetica coast). In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. URL: <http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-10-baetica-coast>.
- GARCÍA VARGAS, E. – MARTÍN-ARROYO, D. – LAGÓSTENA BARRIOS, L. G. (2016c) – Dressel 11 (Baetica coast). In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. URL: <http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-11-baetica-coast>.
- GOMES, M. V. - BEIRÃO, C. de M. (1986) – O Cerro da Rocha Branca (Silves) - resultados preliminares de três campanhas de escavações. In *Actas do IV Congresso do Algarve*, Vol. 1, Silves: 77-83.
- GENIN, M. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Vol. II, Sigillées lisses et autres productions*. Bordeaux.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*, IV: 47-58
- GONÇALVES, V. S. (1980) – Carta Arqueológica do Algarve. In *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1981) – Arqueologia do Algarve: sinopse, retrospectiva e perspectiva de mudança. *Clio*, 3: 177-181.
- GONÇALVES, V. S. – ARRUDA, A. M. – CALADO, M. (1996) – Novos contributos para a arqueologia do Algarve Oriental. *Ophiussa*, 0: 161-180.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres.
- LOPES, M.C. (1994) – *A terra sigillata de Represas, Beja. Tratamento informático*. Coimbra.
- MAIA, M. (1987) – *Romanização do território hoje português a Sul do Tejo. Contribuição para a análise do processo de assimilação e integração sócio-cultural*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Inédita.
- MARTINS, A. I. G. (2019) – *Contributo para o estudo da cidade romana de Ossonoba: a terra sigillata da Rua Infante D. Henrique n.º 58-60*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Évora. Inédita. URL: <http://hdl.handle.net/10174/25900>
- MEES, A. (1995) – *Modellsignierte Dekorationen auf sudgallischer terra sigillata*. Stuttgart.
- MORAIS, R. (1997-1998) – Importações de cerâmicas finas em Bracara Augusta: da fundação até à época flávia. *Cadernos de Arqueologia* II(14-15): 47-135.
- MOREIRA, J. B. (2002) – *A cidade romana de Eburobrittium*. Óbidos.
- NOLEN, J. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre d'Ares*. Lisboa.
- PASSELAC, M. (1993) – Céramique sigillée italique. In PY, M. (dir.) – *Dictionnaire des céramiques antiques (Viles. av. n. è. -VIIe s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)* (Lattara 6). Lattes: 554-568.
- PASSELAC, M. – VERNHET, A. (1993) – Céramique sigillée sud-gauloise. In PY, M. (dir.) – *Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av. n. è. -VIIe s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)* (Lattara 6). Lattes: 569-580.
- PEREIRA, C. (2012) – O sítio romano do Vidigal, Aljezur. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15: 155-179. URL: <http://hdl.handle.net/10451/10178>
- POLAK, M. (2000) – South Gaulish Terra Sigillata with Potters' Stamps from Vechten. (*Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta, Supplementum* 9). Nijmegen.
- PONSICH, M. (1974) – *Implantation Rurale Antique sur le Bas-Guadalquivir*. Madrid.

- QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)* (Estudos&Memórias 4). Lisboa.
- REMESAL RODRIGUEZ, J. – REVILLA CALVO, V. – CARRERAS MONFORT, C. – BERNI MILLET, P. (1997) – Arva: prospecciones en un centro productor de ánforas Dressel 20 (Alcolea del Río, Sevilla). *Pyrenae*, 28: 151-178.
- RODRIGUES, M. (2021) – *A terra sigillata do sector C de Monte Molião (Lagos, Portugal)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. URL: <http://hdl.handle.net/10451/47784>
- Samian research Database*. Römisch-Germanisches Zentralmuseum Mainz (RGZM). <https://www.1.rgzm.de/samian/home/frames.htm>.
- SEPÚLVEDA, E. de – FARIA, J. C. – FARIA, M. (2000) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 1: terra sigillata. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3(2): 119-152.
- SERRANO, E. (2000) – *Cerámica común romana: Siglos II a.C. al VII d. C.: Materiales importados y de producción local en el territorio malacitano*. Málaga.
- SILVA, C. T. – SOARES, J. – CORREIA, V. (1990) – Produção de Ânforas romanas no Martinhal (Sagres). In ALARCÃO, A. – MAYET, F. (eds.) – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Coimbra: 225-246.
- SILVA, C. T. da – SOARES, J. – COELHO-SOARES, A. (1992) – Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*, 9-10: 335-374.
- SILVA, C. T. – COELHO-SOARES, A. – SOARES, J. (1987) – Nota sobre material anfórico da foz do Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica*, 8: 203-219.
- SILVA, R. B. da (2012) – *As «Marcas de Oleiro» na Terra Sigillata e Circulação dos Vasos na Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Inédita. URL: <http://hdl.handle.net/10362/9472>.
- SILVA, R. B. DA – PIMENTA, J. – MENDES, H. (2013) – A Terra Sigillata do Acampamento Militar Romano de Alto dos Cacos (Almeirim). In ARNAUD, J. M. – MARTINS, A. – NEVES, C. (eds.) – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: 775-783. URL: <http://hdl.handle.net/10362/54511>
- SOTOMAYOR, M. – ROCA, M. – FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999) – Centro de producción de Los Villares de Andujar (Jaén). In ROCA ROUMENS, M. – FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (coords.) (eds.) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Jaén/ Málaga: 19-60.
- SOUSA, E. – ARRUDA, A. M. (2018) – A Cerâmica de Paredes Finas de Monte Molião (Lagos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 44: 201-226. URL: <http://hdl.handle.net/10451/36458>
- TEICHNER, F. (2008) – *Entre tierra y mar Zwischen Land und Meer Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungsplätze im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Portugal)* (Studia Lusitana 3). Mérida.
- TILHARD, J.-L. (2004) – *Les céramiques sigillées du Haut-Empire à Poitiers d'après les estampilles et les décors moulés*. Marseille.
- VASCONCELOS, J. L. (1898) – Olaria luso-romana em S. Bartolomeu de Castro Marim. *O Arqueólogo Português* 4(10-12): 329-336.
- VASCONCELOS, J. L. (1920) – A olaria Lusitano-romana (?) de Manta Rota. *O Arqueólogo Português*, 24: 229.
- VÁZQUEZ PAZ, J. – GARCÍA VARGAS, E. – MAESTRE BORGE, C. – ARNOLD, E. (2018) – Contextos cerâmicos de Hispalis c. 50 a.C. al 225 d.C.: Excavaciones arqueológicas en el Patio de Banderas del Real Alcázar de Sevilla (2012-2014). In RUIZ MONTES, P. – PEINADO ESPINOSA, M. V. – FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (coord.) – *Estudios para la configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el Sur de la Península Ibérica*. Oxford: 129-155.
- VIEGAS, C. (2003) – *A terra Sigillata da Alcáçova de Santarém: cerâmica, economia e comércio* (Trabalhos de Arqueologia 26). Lisboa. URL: <http://hdl.handle.net/10451/41933>
- VIEGAS, C. (2006) – O Forno Romano da Manta Rota (Cacela-Algarve). *Simpósio Internacional "Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica – Homenagem a Françoise Mayet (Setúbal Maio 2004)* (Setúbal Arqueológica 13). Setúbal: 177-196. URL: <http://hdl.handle.net/10451/41940>
- VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano* (Estudos e Memórias 3). Lisboa. URL: <http://hdl.handle.net/10451/9775>
- VIEGAS, C. (2012) – A cerâmica cinzenta grosseira do Algarve. In BERNAL, D. – RIBERA, A. (ed.) – *Cerámicas hispanoromanas. II, Producciones regionales*. Cádiz: 681-697. URL: <http://hdl.handle.net/10451/11178>
- VIEGAS, C. (2017) – A terra sigillata de uma villa algarvia: o caso do Vale da Arrancada (Portimão). In COLL CONESA, J. (ed.) – *OPERA FICTILES. Estudios transversales sobre cerámicas antiguas de la península ibérica. IV Congreso Internacional de la SECAH - EX OFFICINA HISPANA. Valencia, del 26 al 28 de Abril de 2017*. Madrid: 293-312. URL: <http://hdl.handle.net/10451/40776>
- VIEGAS, C. – ARRUDA, A. M. (2013) – Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20. In ARNAUD, J. M. – MARTINS, A. – NEVES, C. (eds.) – *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: 727-735. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/11180>
- VIEGAS, C. – DINIS, T. (2010) – Pedras d'el Rei (Tavira): villa suburbana de Balsa. In *Actas do 7.º Encontro de Arqueologia do Algarve (XELB 10)*, Silves: 235-252. URL: <http://hdl.handle.net/10451/11175>

## ANEXO 1 TABELA DE NÚMERO DE FRAGMENTOS E DE NMI

|                           | FORMA                       | FRAGMENTOS | NMI       |
|---------------------------|-----------------------------|------------|-----------|
| T.S.I.                    | Consp. 20                   | 2          | 1         |
|                           | Consp. 15                   | 1          | 1         |
|                           | Consp. 36                   | 1          | 1         |
|                           | Consp. R 8.1.1.             | 1          | 1         |
|                           | Indt.                       | 5          | —         |
| T.S.S.G.                  | Drag. 15/17                 | 4          | 3         |
|                           | Drag. 15                    | 1          | 1         |
|                           | Drag. 17                    | 1          | 1         |
|                           | Drag. 18                    | 12         | 10        |
|                           | Drag. 24/25                 | 5          | 4         |
|                           | Drag. 35/36                 | 2          | 1         |
|                           | Ritt. 1                     | 2          | 2         |
|                           | Drag. 27                    | 7          | 7         |
|                           | Drag. 29                    | 2          | 2         |
|                           | Drag. 30                    | 2          | 2         |
|                           | Drag. 11                    | 1          | 1         |
|                           | Drag. 37                    | 6          | 5         |
|                           | Indt.                       | 9          | —         |
| T.S.H.                    | Hisp. 15/17                 | 8          | 7         |
|                           | Hisp. 18                    | 4          | 4         |
|                           | Hisp. 24/25                 | 1          | 1         |
|                           | Hisp. 27                    | 6          | 6         |
|                           | Hisp. 37                    | 8          | 5         |
|                           | Indt.                       | 12         | —         |
| T.S.A.C.A.                | Hayes 3                     | 1          | 1         |
|                           | Hayes 9A                    | 2          | 2         |
|                           | Hayes 9B                    | 1          | 1         |
|                           | Hayes 14A                   | 1          | 1         |
|                           | Indt.                       | 4          | —         |
|                           | <b>TOTAL</b>                | <b>112</b> | <b>72</b> |
| Cerâmica de paredes finas | Mayet XXXV, XXXVI ou XXXVII | 3          | 1         |
| <b>TOTAL</b>              |                             | <b>3</b>   | <b>1</b>  |

|                                | FORMA                 | FRAGMENTOS | NMI       |
|--------------------------------|-----------------------|------------|-----------|
| Ânforas Itálicas               | Dressel 1             | 2          | 1         |
|                                | Dressel 2-4           | 1          | 1         |
| Ânforas Béticas                | Dressel 20            | 6          | 3         |
|                                | Haltern 70            | 13         | 5         |
|                                | Dressel 1A            | 1          | 1         |
| Ânforas Lusitanas              | Dressel 10B ou 11     | 10         | 4         |
|                                | Almagro 51 C          | 6          | 5         |
| <b>TOTAL</b>                   |                       | <b>39</b>  | <b>20</b> |
| Cerâmica de Cozinha Africana   | Hayes 196A            | 2          | 2         |
|                                | Hayes 23B             | 2          | 2         |
|                                | Hayes 181C            | 1          | 1         |
| <b>TOTAL</b>                   |                       | <b>5</b>   | <b>5</b>  |
| Lucernas                       | Dressel 14 ou 15      | 1          | 1         |
| <b>TOTAL</b>                   |                       | <b>1</b>   | <b>1</b>  |
| Cerâmica Comum Bética          | Almofariz             | 2          | 2         |
|                                | Alguidar              | 1          | 1         |
|                                | Tigela                | 3          | 3         |
|                                | Jarro                 | 1          | 1         |
|                                | Pote                  | 2          | 2         |
|                                | Tigela (Guadalquivir) | 1          | 1         |
| Cerâmica Comum Local/ Regional | Tampa                 | 1          | 1         |
|                                | Tigela                | 1          | 1         |
|                                | Tacho                 | 1          | 1         |
|                                | Pote                  | 2          | 2         |
|                                | <i>Dolium</i>         | 1          | 1         |
| Cerâmica Comum Pasta Redutora  | Tampa                 | 1          | 1         |
|                                | Caçoila               | 1          | 1         |
|                                | Tacho                 | 1          | 1         |
|                                | Pote/Panela           | 1          | 1         |
| <b>TOTAL</b>                   |                       | <b>20</b>  | <b>20</b> |

## POLÍTICA EDITORIAL

### Objectivos

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017), a Revista Ophiussa converte-se numa edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

### Periodicidade

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro semestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

### Secções da revista

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e resenhas bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as resenhas bibliográficas.

Os autores / editores que pretendam apresentar uma obra para resenha devem enviar dois exemplares para a direcção da Revista Ophiussa: um para o autor/autora da resenha que será convidado para o efeito e outro para a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aceita-se igualmente a apresentação de propostas de resenhas espontâneas.

Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

### Processo de avaliação por pares

Os artigos submetidos são sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (double blind peer review).

Todas as submissões (artigos e resenhas) serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os artigos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / double blind peer review (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica.

O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

A lista dos avaliadores será publicada em ciclos de 3 anos, indicada no final da Revista Ophiussa (versão impressa e digital).

### Ética na publicação

A Revista Ophiussa segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

Apenas serão publicados artigos originais. Para efeito de detecção de plágio ou duplicidade será utilizada a plataforma URKUNDU (<https://www.orkund.com/pt-br/>). Serão rejeitadas práticas como a deformação ou invenção de dados. Os autores têm a responsabilidade de garantir que os trabalhos são originais e inéditos, fruto do consenso de todos os autores e cumprem com a legalidade vigente, dispondo de todas autorizações necessárias. Os artigos que não cumpram com estas normas éticas serão rejeitados.

As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas.

Serão considerados os seguintes princípios éticos:

#### 1) RESPONSABILIDADE

A Revista Ophiussa através dos editores e autores tem a responsabilidade absoluta de aprovação, condenando todas as más práticas da publicação científica.

## 2) FRAUDE CIENTÍFICA:

A Revista *Ophiussa* procurará detectar manipulação e falsificação de dados, plágio ou duplicidade, com os mecanismos de detecção adequados.

## 3) POLÍTICA EDITORIAL E PROCEDIMENTOS

a) Os autores devem ter participado no processo de investigação e do processo de revisão, devendo garantir que os dados incluídos são reais e autênticos e estando obrigados a emitir retracções e correcções de erros de artigos publicados;

b) Os revisores devem efectuar uma revisão objectiva e confidencial e não ter conflitos de interesse (investigação, autores ou financiadores), devendo indicar obras publicadas relevantes que não foram citadas;

c) Na detecção de fraude ou má prática em fase de avaliação deve ser indicada pelos revisores e na fase de pós publicação por qualquer leitor.

d) Em caso de detecção de más práticas em fase de avaliação ou de detecção de artigos publicados previamente, o Conselho Editorial remeterá a ocorrência ao autor estabelecendo um prazo de 7 dias para esclarecimento, sendo posteriormente avaliada pelo Conselho de Redacção. Em fase de pós publicação, o Conselho Editorial poderá arquivar ou determinar a retratação num número seguinte, indicando-se os trâmites prévios.

### *Política de preservação de arquivos digitais*

A revista garante a acessibilidade permanente dos objectos digitais através de cópias de segurança, utilização de DOI, integrando a rede Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), que gera um sistema de arquivo descentralizado.

Relativamente ao auto-arquivo, a revista integra também o Sherpa/Romeu

(<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

### *Política de acesso aberto*

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento. A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada em acesso livre.

Para mais informações contactar:

[ophiussa@letras.ulisboa.pt](mailto:ophiussa@letras.ulisboa.pt)

## EDITORIAL POLICY

### *Objectives*

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. After Volume 1 (2017) it became a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

### *Periodicity*

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

### *Journal sections*

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

Authors / editors wishing to submit a book for review should send two copies to the direction of Revista *Ophiussa*: one to the author of the review who will be invited for the purpose and another to the Library of the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. Spontaneous proposals are also accepted.

Papers written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

### *Peer review process*

Submitted articles are subject to a double blind peer-review evaluation process.

All submissions (articles and reviews) will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal editing standards. Articles that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by UNIARQ direction and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case, up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The list of reviewers will be published in 3-year cycles, indicated at the end of *Ophiussa* (printed and digital version).

### **Publication ethics**

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

Only original papers will be published. For the purpose of detecting plagiarism or duplicity, the URKUNDU platform (<https://www.orkund.com/pt-br/>) will be used. Practices such as the deformation or invention of data will be rejected. Authors are responsible for ensuring that the works are original and unpublished, the result of the consensus of all authors, and comply with current legality, having all necessary authorizations. Articles that do not comply with these ethical standards will be rejected.

Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published.

The following ethical principles will be considered:

#### 1) RESPONSIBILITY:

*Ophiussa* through its editors and authors has the absolute responsibility for approval, condemning all bad practices of scientific publication.

#### 2) SCIENTIFIC FRAUD

*Ophiussa* will seek to detect manipulation and falsification of data, plagiarism or duplicity, with the appropriate detection mechanisms.

#### 3) Editorial policy and procedures:

a) Authors must have participated in the research process and in the review process, and must ensure that the data included is real and authentic and are obliged to issue retractions and corrections of errors of published articles;

b) Reviewers must carry out an objective and confidential review and have no conflicts of interest (research, authors or funders), and must indicate relevant published works that were not cited;

c) In the detection of fraud or malpractice in the evaluation phase, it must be indicated by the reviewers and in the post-publication phase by any reader.

d) In case of detection of bad practices in the evaluation phase or of detection of previously published articles, the Editorial Board will send the occurrence to the author, establishing a period of 7 days for clarification, which will be subsequently evaluated by the Editorial Board. In the post-publication phase, the Editorial Board may file or determine the retraction in a subsequent issue, indicating the previous procedures.

### **Digital file preservation policy**

The journal guarantees the permanent accessibility of digital objects through backup copies and use of DOI, integrating the Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), which generates a decentralized file system.

Regarding the self-archiving, the magazine also includes Sherpa/Romeu (<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

### **Open access policy**

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. It follows Creative Commons guidelines (license CC/BY/NC/ND 4.0).

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. It also has a digital version, in color, available in open access.

For more information contact:

**[ophiussa@letras.ulisboa.pt](mailto:ophiussa@letras.ulisboa.pt)**

## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto.<br>3. O «ídolo cilíndrico» de Ervidel (Herdade da Cariola)<br>VICTOR S. GONÇALVES  | 5   |
| <i>Heads &amp; tails: Bell Beakers and the cultural role of Montejunto Mountain (Portugal) during the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC</i><br>ANA CATARINA BASÍLIO   | 23  |
| O conjunto faunístico do Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa, Portugal) no 3.º milénio a.n.e.: entre a <i>antroposfera</i> e a <i>zoosfera</i><br>FREDERICO AGOSTO  | 43  |
| The materialization of an iconography: a LBA/EIA metallic representation of an “anchoriform” or “anchor idol” (?) from the Fraga dos Corvos habitat site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal)<br>JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, ELSA LUÍS, CARLOS MENDES, PEDRO VALÉRIO, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, ANTÓNIO M. MONGE SOARES | 69  |
| A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo<br>FRANCISCO B. GOMES   | 85  |
| O sítio arqueológico de Arruelas (Maiorca, Figueira da Foz, Portugal) no contexto da Conquista Romana do Ocidente Peninsular<br>FLÁVIO IMPERIAL   | 105 |
| A importação de ânforas do Tipo <i>Urceus</i> em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira<br>JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES  | 127 |
| <i>Traianeum de Italica</i> . Campaña arqueológica 2016/2017<br>SEBASTIÁN VARGAS-VÁZQUEZ  | 143 |
| El asentamiento rural romano de la Venta El Parrao (Alcalá de Guadaíra, España): Nuevos datos arqueológicos<br>LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, SALVADOR ORDÓÑEZ AGULLA   | 163 |
| A ocupação romana da Lezíria (Castro Marim, Portugal)<br>ANA MARGARIDA ARRUDA, MARGARIDA RODRIGUES  | 187 |
| Os recursos animais no Noroeste da Lusitânia do período republicano à Antiguidade Tardia (Séculos II a.C. - VII d.C.): Uma perspectiva a partir das evidências zooarqueológicas do centro de Portugal<br>PATRÍCIA ALEIXO, GIL VILARINHO   | 209 |
| Recensões bibliográficas<br>(TEXTOS: FREDERICO AGOSTO, ANA MARGARIDA ARRUDA)  | 231 |
| <i>In memoriam</i>  | 243 |
| Política editorial  | 246 |
| Editorial policy  | 247 |